



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Viana do Castelo: Novo Porto Fluvial

Luísa Maria Gonçalves dos Santos Martins

Mestrado integrado em Arquitetura

Orientador(a):

Doutor Paulo Alexandre Tormenta Pinto, Professor
Catedrático

Iscte, Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientador(a):

Doutor Professor Pedro da Luz Pinto, Professor Auxiliar,
Iscte, Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2023



TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Viana do Castelo: Novo Porto Fluvial

Luísa Maria Gonçalves dos Santos Martins

Mestrado integrado em Arquitetura

Orientador(a):

Doutor Paulo Alexandre Tormenta Pinto, Professor
Catedrático,
Iscte, Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientador(a):

Doutor Pedro Da Luz Pinto, Professor Auxiliar,
Iscte, Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2023

Viana do Castelo

Novo Porto Fluvial

Luísa Maria Gonçalves dos Santos Martins

Projeto Final de Arquitetura

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2023

Nota Introdutória

O tema da Prova Final de Mestrado que foi proposto pelos docentes Professor Doutor Arquiteto Paulo Tormenta Pinto e pelo Professor Doutor Arquiteto Pedro Pinto da turma em me encontro inscrita, teve como objetivo um estudo intensivo das obras do Arquiteto Álvaro Siza Vieira em Frentes Ribeirinhas, onde o Arquiteto Álvaro Siza Vieira interveio abrangido pelo Programa Pólis (Programa de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental das Cidades), nas cidades de Chaves, Viana do Castelo, Vila do Conde e Matosinhos, com o tema “A Monumentalidade Crítica de Álvaro Siza Vieira – Projeto de Renovação Urbana depois da Exposição Internacional de Lisboa de 1998 (Expo’98)”. A cidade que me foi atribuída estudar e intervir foi a cidade de Viana do Castelo.

Resumo

A presente dissertação insere-se numa ampla investigação intitulada “A monumentalidade crítica de Álvaro Siza”, lançada como argumento de trabalho em Projeto Final de Arquitetura. O seu início partiu de uma análise e investigação da cidade de Viana do Castelo, do seu contexto histórico e evolução urbana, assim como, a análise da Biblioteca de Viana do Castelo projetada pelo arquiteto Álvaro Siza, e a forma como responde ao Programa Polis compreendido para aquele espaço de aterro na Frente Ribeirinha da cidade. Para suporte do trabalho de projeto são igualmente referidas várias fortificações projetadas pelo arquiteto Filipe Terzio (1520-1597), arquiteto e engenheiro militar que projetou o Forte de Santiago da Barra de Viana do Castelo, e outros realizados pelo País, que mais tarde sofreram intervenções.

É dada mais ênfase à Fortaleza de Santiago da Barra, local onde na sua proximidade foi desenvolvido o projeto de uma estação fluvial, que permite a ligação da cidade com a zona sul do rio, o cabedelo.

Palavra-Chave: Monumentalidade, Património, Frente Ribeirinha, Siza Vieira, VianaPólis, Pólis

Abstract

This dissertation is part of a broad investigation entitled “The critical monumentality of Álvaro Siza”, launched as a working argument in the Final Architecture Project. Its beginnings came from an analysis and investigation of the city of Viana do Castelo, its historical context and urban evolution, as well as the analysis of the Viana do Castelo Library, designed by architect Álvaro Siza, and the way it responds to the Polis Program understood to that landfill space on the city's Riverfront. To support project work are also referred to fortifications designed by the architect and engineer Filipe Terzio (1520-1597), architect who designed the Fort of Santiago da Barra de Viana do Castelo, and others carried out by the country, that later underwent interventions. More emphasis is placed on the Santiago da Barra Fortress, where a project for a river port was developed nearby, allowing the city to be connected to the southern area of the river, Cabedelo.

Keyword: Monumentality, Heritage, Riverfront, Siza Vieira, VianaPólis, Pólis

Agradecimentos

Quero agradecer primeiro que tudo aos meus pais e à minha irmã, por terem estado sempre ao meu lado ao longo deste meu percurso, dando-me apoio e força para continuar. Quero agradecer aos Professores Doutores Paulo Tormenta Pinto e Pedro Pinto por todo o suporte e paciência nesta minha fase final. Quero deixar um agradecimento especial à Dra. Joana Alexandre por nunca ter desistido de mim numa fase difícil do meu percurso. Ao ISCTE, aos professores e colaboradores, aos meus colegas, e a todos os que de algum modo me ajudaram a perseguir este meu sonho, os meus sinceros agradecimentos.

Índice

Nota introdutória	07
Resumo	09
Abstract	11
Agradecimentos	13
Índice	15
Créditos de imagens	16
1. História da Evolução Urbana de Viana do Castelo	21
2. Filipe Terzio e as Fortificações em Portugal	37
3. A importância do Forte de Santiago da Barra	39
3.1 Intervenções em Fortificações projetadas por Terzio	51
4. Projecto do porto fluvial em Viana	67
4.1 Estratégia de grupo	67
4.2 Razões para a escolha do local	71
4.3 Motivação para a realização do presente projecto	83
4.4 Memória Descritiva	100
4.5 Desenhos do projeto	102
4.6 Conclusão	117
Bibliografia	119
Anexos	121
Esquícios de estudo que serviram de base ao projecto	122
Biografia do Arq. Alvaro Siza Vieira	134

Créditos das Imagens

Figura 1 - Citânia de Santa Luzia, Viana do Castelo

Fonte: http://monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3626

Figura 2 - Planta do Século XIII

Fonte: Valla, Margarida e Teixeira, Manuel C.; O Urbanismo Português; livros horizonte , 1999

Figura 3 - Planta do Século XV

Fonte: https://engexpor.com/wp-content/uploads/2018/10/engexpor_cultureheritage_pavilhaoportugal_3.jpg

Figura 4 - Cartografia do Século XIV

Fonte: Valla, Margarida e Teixeira, Manuel C.; O Urbanismo Português; livros horizonte , 1999

Figura 5 - Planta do início do Século XVI

Fonte: Valla, Margarida e Teixeira, Manuel C.; O Urbanismo Português; livros horizonte , 1999

Figura 6 - Planta do final do Século XVI

Fonte: Afonso, Paulo – Projeto Urbano em Centros Urbanos Pré-Industriais: Centros Urbanos Pré-Industriais: Coimbra, 2008, pág. 94

Figura 7 - Arruamentos alargados e abertos na cidade de Viana entre 1855 e 1926

Fonte: Afonso, Paulo – Projeto Urbano em Centros Urbanos Pré-Industriais: Centros Urbanos Pré-Industriais: Coimbra, 2008, pág.99

Figura 8 - Vista dos Projetos dos Arquitetos Adalberto Dias, Eduardo Souto Moura e Álvaro Siza Vieira na Frente Ribeirinha de Viana do Castelo

Fonte: <https://www.olharvianadocastelo.pt/2014/09/a-nova-frente-ribeirinha.html>

Figura 9 - Vista Satélite enquadramento do Forte de Santiago da Barra com a Cidade

Fonte: Google Earth

Figura 10 - Vista Satélite do Forte de Santiago da Barra e envolvente

Fonte: Google Earth

Figura 11 - Vista aérea do Forte de Santiago da Barra e envolvente

Fonte: Google Earth

Figura 12 - Vista do Forte de Santiago da Barra do topo do monte de Santa Luzia

Fonte: Luísa Martins, 2023

Figura 13 - Entrada do Forte de Santiago da Barra

Fonte: António Martins, 2023

Figura 14 e 15 - Vista do lado sul do Forte de Santiago da Barra

Fonte: Luísa Martins, 2023

Figura 16 e 17 - Edifícios no Interior da muralha do Forte de Santiago da Barra

Fonte: Luísa Martins, 2023

Figura 18 e 19 - Vista aérea do Forte de Peniche

Fonte: https://www.cm-peniche.pt/thumbs/cm-peniche/uploads/writer_file/image/14831/forteleza_peniche_1_1024_2500.jpg

https://www.cm-peniche.pt/thumbs/cm-peniche/uploads/writer_file/image/217/getthumb-nails__1__1_1024_2500.jpg

Figura 20 e 21 - Novo Museu Nacional da Liberdade e Resistência da autoria do atelier AR4

Fonte: <https://www.publico.pt/2018/05/29/culturaipsilon/noticia/atelier-ar4-vence-concurso-publico-para-museu-nacional-da-resistencia-e-da-liberdade-1832533>

Figura 22 - Planta de Implantação do Forte de Santa Catarina

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/794829/forte-santa-catarina-rvdm-arquitecto>

Figura 23 a 26 - Intervenção no interior do Forte de Santa Catarina da autoria do atelier RVDM

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/794829/forte-santa-catarina-rvdm-arquitecto>

Figura 27 a 29 - Museu Farol de Santa Marta em Cascais

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/794821/museu-farol-santa-marta-aires-mateus>

Figura 30 - Marcação do local de Intervenção da estratégia de grupo

Fonte: Google Earth

Figura 31 - Marcação do local de Intervenção de projeto

Fonte: Google Earth

Figura 32 - Local de Intervenção de projeto

Fonte: Luísa Martins, 2023

Figura 33 a 38 - Fotografia antiga do local de Intervenção de projeto

Fonte: SIPA - Forte de Sacavém

Figura 39 - Vista aérea lado Este do Pavilhão Portugal

Fonte: <https://imprensafalsa.com/expo98-faz-20-anos-e-ja-pagamos-metade-da-pala-do-pavilhao-de-portugal/>

Figura 40 - Pavilhão de Portugal

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/764083/pavilhao-de-portugal-passara-a-ser-propriedade-de-uma-universidade-portuguesa/55099c50e58ece6455000007>

Figura 41 - Vista aérea lado Oeste do Pavilhão de Portugal

Fonte: https://engexpor.com/wp-content/uploads/2018/10/engexpor_cultureheritage_pavilhaoportugal_3.jpg

Figura 42 - Alçado Este do Pavilhão de Portugal

Fonte: <https://informacoeseservicos.lisboa.pt/contactos/diretorio-da-cidade/pavilhao-de-portugal-1#gallery-1>

Figura 43 - Esquício da Biblioteca de Viana do Castelo realizado pelo Arquiteto Álvaro Siza Vieira

Fonte: El Croquis Álvaro Siza Vieira

Figura 44 - Planta Piso Térreo da Biblioteca de Viana do Castelo

Fonte: Castelões, João de Freitas; Papel da Estrutura na Metodologia Projetual; FAUP, Porto; pág. 72

Figura 45 - Planta do Piso 1 da Biblioteca de Viana do Castelo

Fonte: Castelões, João de Freitas; Papel da Estrutura na Metodologia Projetual; FAUP, Porto; pág. 74

Figura 46 - Biblioteca de Viana do Castelo vista do topo do monte de Santa Luzia

Fonte: Luísa Martins, 2023

Figura 47 - Vista aérea da Biblioteca de Viana do Castelo

Fonte: Google Earth

Figura 48 a 53 - Biblioteca de Viana do Castelo

Fonte: Fernando Guerra; <https://espacodearquitectura.com/projetos/biblioteca-municipal-de-viana-do-castelo/>

Figura 54 a 64 - Esquícios

Autor: Luísa Martins, 2022/2023

Figura 65 - Arquiteto Álvaro Siza Vieira

Fonte: Afonso Simão, 2021

1. História da Evolução Urbana de Viana do Castelo

Os aglomerados de povoamento faziam-se em pontos estrategicamente defensivos nos séculos III e IV. No caso de Viana do Castelo, anteriormente aos séculos III e IV, os vestígios iniciais de vida humana, foram encontrados no topo do monte de Santa Luzia. Atualmente, com o nome de Citânia de Santa Luzia, julga-se que este local terá sido escolhido estrategicamente por se encontrar no topo de um monte com uma vista ampla para visualizar e controlar as embarcações que se avistavam na Foz do Rio Lima, o rio, e o território em seu torno. Considerada Património Nacional, a Citânia encontra-se entre o Santuário do Sagrado Coração de Jesus do monte de Santa Luzia, e o Hotel do monte de Santa Luzia, em que podemos visualizar na planta das habitações, que se organizam sucessivamente de forma circular e algumas plantas retangulares, e em seu torno uma muralha. Devido à atividade agrícola, a população foi-se espalhando pelo declive do monte criando várias habitações fora do topo do monte de Santa Luzia (Ferreira, 2018).



Figura 1 - Citânia de Santa Luzia, Viana do Castelo

Depois da população se ter espalhado pelo declive do monte, surgiram pequenos aglomerados de habitação à beira do rio Lima. Estes pequenos aglomerados que se encontram junto ao Rio Lima, por questões estratégicas de pesca para além da agricultura, criavam uma ligação comercial piscatória, integrando-se numa rede marítima de pesca, que por questões de desenvolvimento político-administrativas e geoestratégicas criaram especial localização perto do rio que levaram à fundação de vila. Visualizado como grande potencial comercial por D. Afonso III e por querer controlar em apenas um aglomerado, a sua fundação é realizada por foral outorgado no ano de 1258 por D. Afonso III (1210-1279). Vila Viana Foz do Lima, foi o nome atribuído por D. Afonso III, teve na sua malha inicial uma muralha circular, que terá tido início de construção em 1263 e terminado em 1374. No interior desta muralha encontram-se construídos quarteirões ortogonais entre si, uns mais compridos que outros, e com a existência do cruzamento de duas vias principais paralela e transversalmente ao rio. Este modelo de muralha é semelhante ao modelo medieval da época (Ferreira, 2018), (Tavares, 2014).

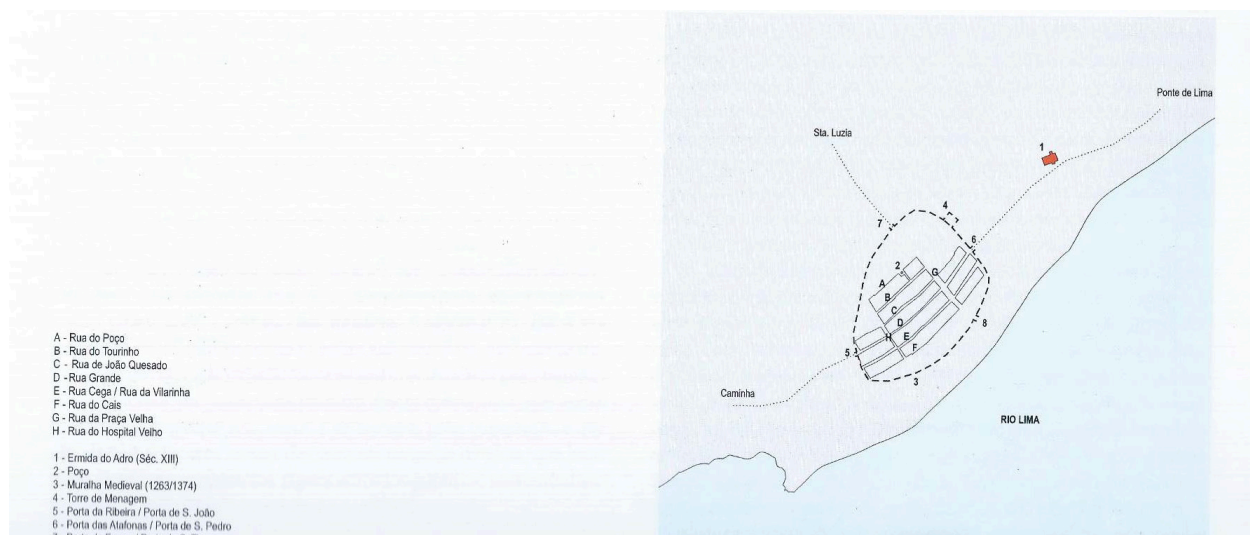


Figura 2 - Planta do Século XIII

Como D. Afonso III tinha criado uma vila atrativa com atividades em desenvolvimento de transporte fluvial, comércio de pesca, e de vila em desenvolvimento de outras atividades e serviços, o porto marítimo tornou-se uma peça fundamental no desenvolvimento económico, e devido ao crescente número de população, foi então que houve uma necessidade ao longo dos anos de estender a malha urbana. Verifica-se no interior da muralha, ao longo do século XIV, que são preenchidos todos os espaços com edificações até terem de começar a edificar fora da muralha. (Fig. 3) O século XVI foi marcado pelo surgimento de novas ruas, novas praças e novos locais de mercados para a população. Surgiram quarteirões alterados do modelo inicial do interior da muralha, edificados fora da muralha sugestionados pelo perímetro não ortogonal em torno da muralha. (Ferreira, 2018)

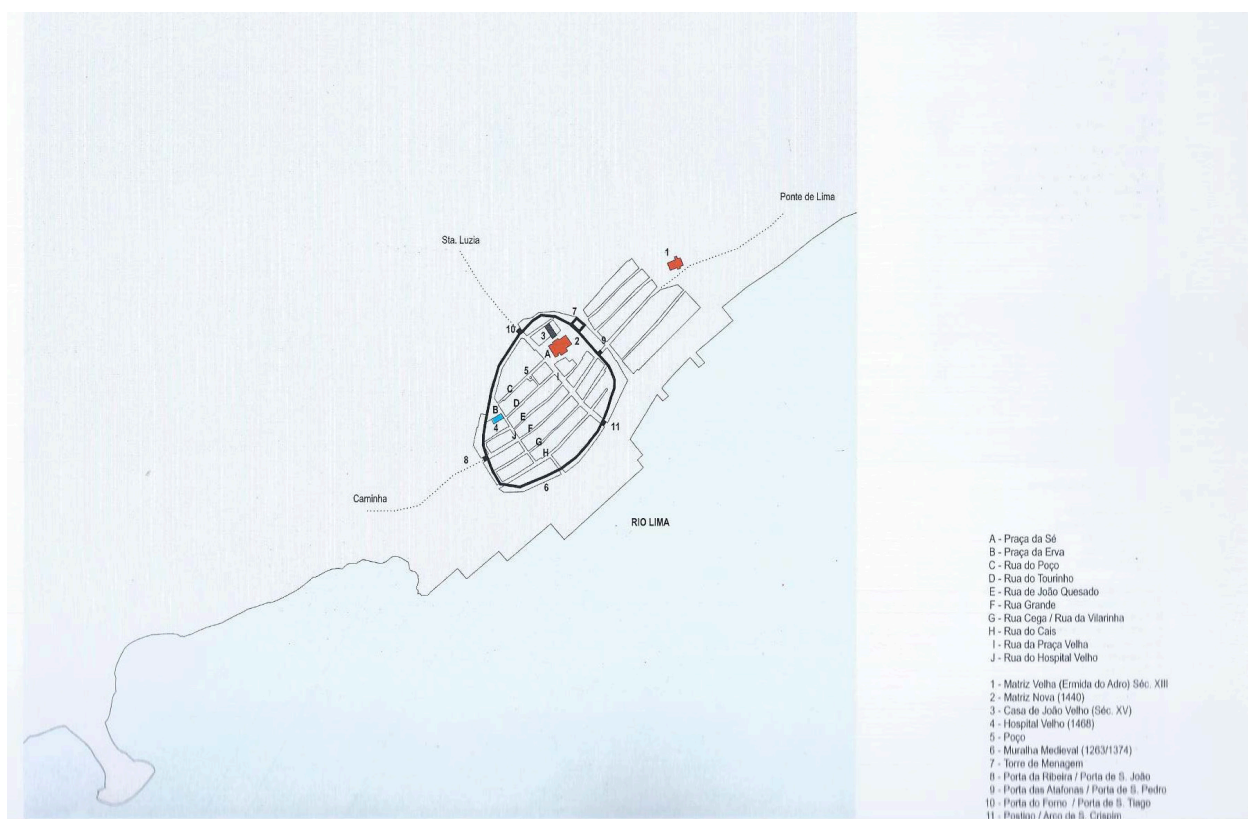


Figura 3 - Planta do Século XV

O foral concedido por D. Manuel I a Viana do Castelo, em 1512, foi um importante marco na história da cidade e da região. Reconhecendo a importância do seu porto e da sua localização geográfica e estratégica, o rei concedeu a Viana do Castelo o estatuto de vila. O Século XVI foi marcado por uma grande expansão urbanística sendo um dos principais portos marítimos de Portugal (Tavares, 2014).

Durante o seu reinado, D. Sebastião (1554-1578), com os crescentes ataques de pirataria que se faziam sentir (Ferreira 2014), visualizou a construção de uma fortaleza em torno da existente Torre de Roqueta. A construção da fortaleza ajudaria a garantir a segurança da cidade e das rotas comerciais, bem como a proteção da costa portuguesa. Em 1572 o rei mostrou a sua intenção de realizar esse projeto, ao enviar um emissário para oferecer apoio financeiro a Viana do Castelo, para que a fortaleza pudesse ser construída.

Ao visualizar-se a cartografia (fig. 4), é notória a existência de duas estruturas de malhas diferentes. Uma malha interior que possui ruas estreitas, algumas longas, relacionadas entre si, e a malha exterior, que apresenta uma estrutura de loteamentos sem estarem relacionadas entre si (Ferreira, 2018).

Ao analisarmos a cidade de Viana do Castelo, podemos destacar que no final do século XVI, (fig.5), a cidade foi delimitada pelos primeiros edifícios dos conventos urbanos, que se tornaram estruturas fundamentais para o crescimento da cidade até o século XX. Novos elementos urbanos, como ruas, praças e largos, foram criados, aumentando a importância central dos conventos na cidade (Tavares, 2014). É interessante notar que o urbanismo de Viana do Castelo é diferente do urbanismo de outras cidades portuguesas. (Tavares 2014).

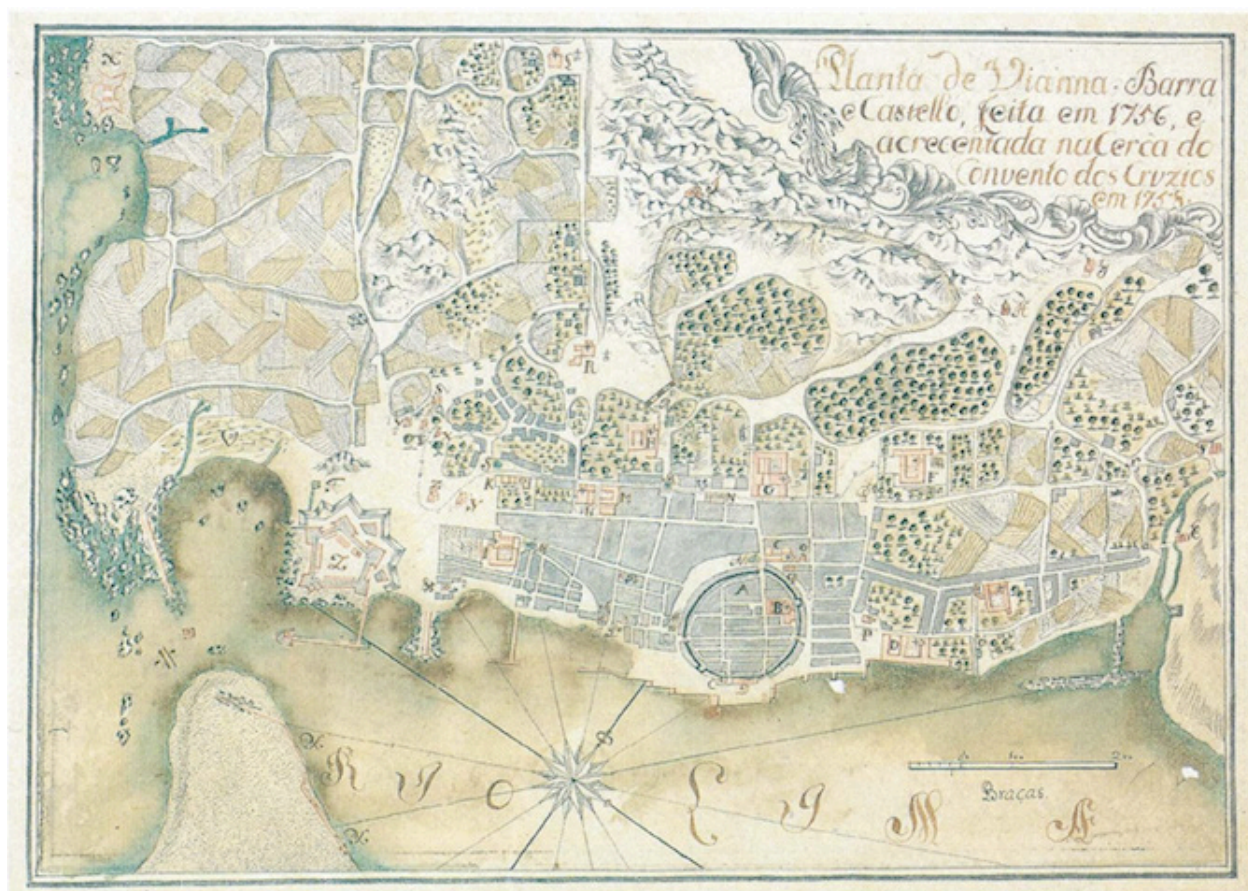


Figura 4 - Cartografia do Século XIV



Figura 5 - Planta do início do Século XVI

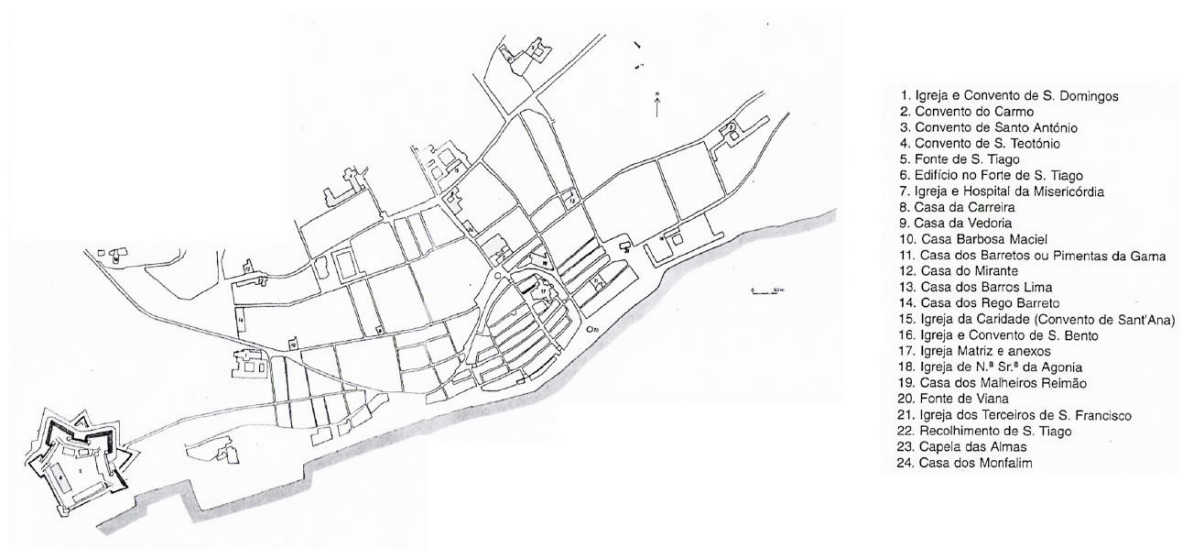


Figura 6 - Planta do final do Século XVI

Não houve modificações urbanísticas significativas ao longo dos séculos XVII e XVIII. Apenas se assistiu a modificações de fachadas dos antigos quarteirões através da ocupação de espaços soltos dos quarteirões de espaços urbanizados no século anterior, o século XVI. (Tavares, 2014) Houve um declínio de expansão urbana e uma consolidação da rede viária. (Afonso, 2008) Viana encontrava-se delineada em grande parte através das vias que ligavam os conventos no final do século XVIII (Tavares, 2014). Foi também no final do século XVIII, que começou a demolição da muralha da vila permitindo dessa forma ligações de ruas que se encontravam no interior da muralha com as artérias exteriores. É de salientar que as pedras da muralha foram reutilizadas para uso obras públicas principalmente para o calcetamento de ruas. É ainda por esta altura que se inicia o surgimento dos aterros ribeirinhos (Afonso, 2008).

Em 1848, Viana do Castelo passou a ser considerada Cidade por D. Maria II (1819-1853) através de carta régia devido ao aumento de população e da economia (Ferreira, 2018). Verifica-se um aumento de população nos grandes centros urbanos em Portugal com o início da Revolução Industrial na Europa, em que a população procura melhores condições de vida, sendo assim criado um novo perímetro urbano (Ferreira, 2018). Em 1878, o surgimento dos caminhos de ferro levaram à construção de uma ponte em ferro com o nome de ponte Eiffel. Ponte estruturada por Gustave Eiffel (1832-1923), foi construída por advir de uma ponte em madeira que ligava as duas margens do rio, e que foi destruída por um temporal sofrido em 1878 (Tavares, 2014). A ponte é formada por duas plataformas, em que a plataforma superior é destinada ao uso rodoviário e pedonal, já a plataforma inferior destinou-se para o uso ferroviário (Ferreira, 2018). Era pelos edifícios conventuais que a cidade era delimitada, mas com o aparecimento da linha férrea, será esta que irá mudar o desenvolvimento futuro urbano da cidade. (Afonso, 2008). Assim foram definidos os limites da cidade de Viana pela via férrea. Essa linha férrea teve o papel de delimitar o crescimento e desenvolvimento da Cidade como uma barreira física durante quase 50 anos. (Tavares, 2014) (Ferreira, 2018). Foi determinada a abertura da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra após a implantação da estação da via férrea no perímetro Norte da Cidade. Aberta no ano de 1917, deu uma nova realidade urbana à cidade de Viana do Castelo que determinará a imagem assim como o desenvolvimento urbano até à atualidade (Afonso, 2008), (Tavares, 2018). O intuito de criar uma ligação direta entre a via férrea e a doca comercial, originou o aparecimento de um eixo perpendicular ao Rio Lima e uma centralidade nova na malha urbana de Viana do Castelo. Criou-se uma ligação física e visual entre o rio e a estação. (Ferreira, 2018) Outras alterações foram realizadas, segundo Ferreira “(...) foram ainda alargadas duas ruas, uma paralela ao caminho férreo (Norte da cidade) e outra que servia o caminho portuário desde a Avenida até ao campo do castelo” (Cf. Ferreira, 2018, pág. 52) (fig. 7).

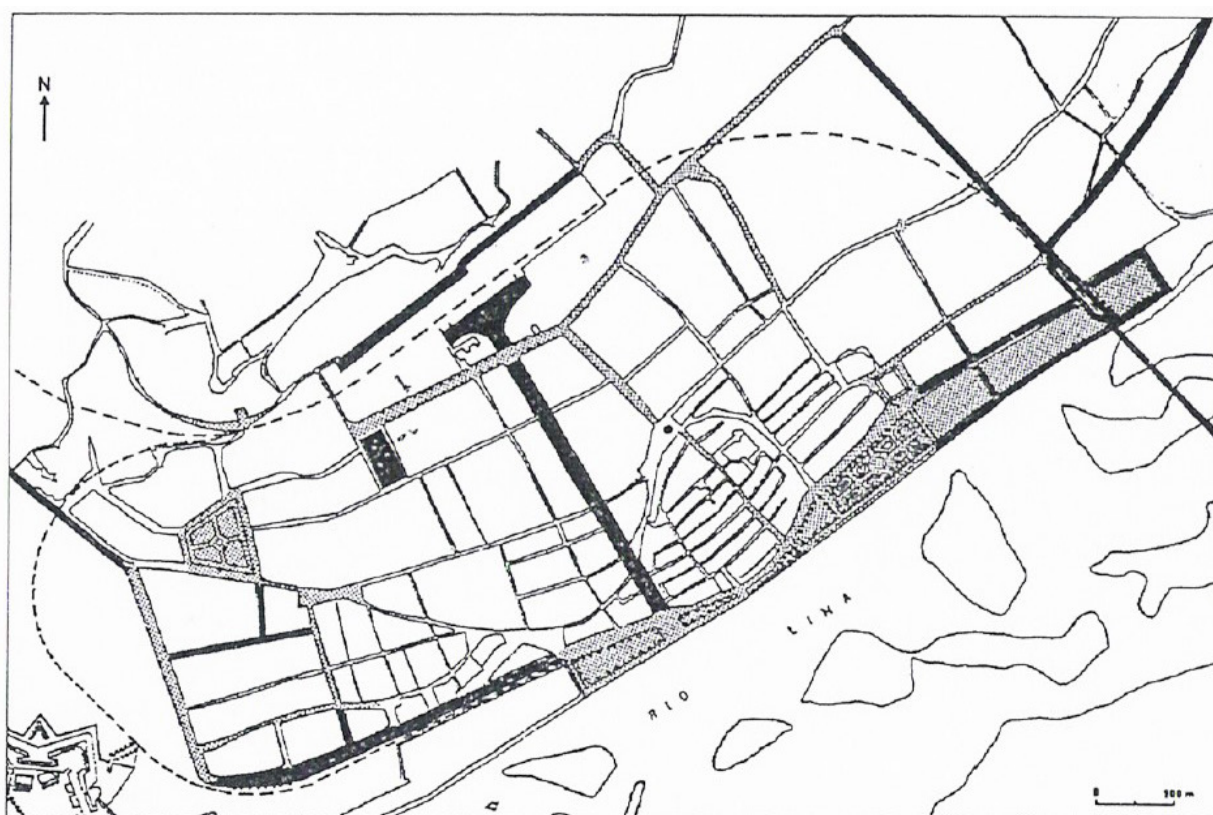


Figura 7 - Arruamentos alargados e abertos na cidade de Viana entre 1855 e 1926

De salientar que existem alterações na frente ribeirinha da cidade com a apropriação dos espaços entre a Avenida dos Combatentes e o de Forte Santiago da Barra pela doca comercial e os estaleiros, e ainda alterou até aos dias de hoje a relação criada da cidade com o rio, docas novas, jardim público e avançados sobre o rio (Ferreira, 2018). É na zona de rio que se dispuseram as principais construções no século XIX e século XX. (Tavares, 2014). É dado por finalizado no ano de 1930 o passeio público marginal (Tavares, 2014). Na década de 40 do século XX, a construção de edifícios é realizada para Norte, Este, Oeste da linha férrea (Tavares, 2014).

Na década de 70 do século XX, iniciou-se as obras que originaram um aterro paralelo ao jardim da marginal. (Tavares, 2014).

Foi assim, a partir da origem do aterro perpendicular à Avenida dos Combatentes e paralelo à marginal que surge o projeto de Fernando Távora, “(...) que procura reatar a frente ribeirinha da cidade, primeiro através dos estudos urbanísticos dos anos 90, e depois com o projeto final da Praça da Liberdade que se começa a construir em 2004 e se prolonga até 2013, onde conta também com as obras de Siza Vieira e Souto Moura e o apoio do programa Polis e o Plano da Frente Ribeirinha de Adalberto Dias.” (Cf. Tavares, 2014, pag.37) Fernando Távora projetou a Praça da Liberdade e os edifícios administrativos, com base nas referências visuais e urbanísticas de Viana, a linha férrea, a ponte de ferro, o Monte de Santa Luzia, e o eixo que compõem a Avenida dos Combatentes e o Rio Lima. Este projeto encontrava-se ligado ao Programa Polis a partir de um dos Planos de Pormenor da cidade, o Plano da Frente Ribeirinha desenhado por Adalberto Dias (Tavares, 2014). Adalberto Dias desenhou um parque urbano junto à frente ribeirinha, estando assim de acordo com a estratégia delineada no Programa Polis. (Tavares, 2014) As construções pontuadas no aterro encontram-se apresentados no plano tendo como guias as ruas perpendiculares ao centro histórico e que se ligam visualmente com a frente rio. Ao desenhar espaços ajardinados no aterro e marginal, Adalberto Dias faz com que haja uma ligação forte da cidade com a frente rio, e que seja evidenciado o espaço público à beira rio para que a população possa usufruir desse espaço, com apenas algumas pontuações de equipamentos com as altimetrias de acordo com as altimetrias dos edifícios do centro histórico, criando uma harmonia sem se imporem e permitem ainda que a cidade respire. Os três arquitetos, Fernando Távora, Eduardo Souto de Moura e Álvaro Siza Vieira, através dos projetos dos seus edifícios fazem com que se mantenha a relação entre cidade e rio, integrando-os no espaço envolvente. Siza Vieira eleva o seu edifício enquanto Eduardo Souto de Moura afunda e usa vidro em torno do seu edifício permitindo uma permeabilidade entre a cidade e a frente rio. (Tavares, 2014).



Figura 8 - Vista dos Projetos dos Arquitetos Fernando Távora, Eduardo Souto Moura e Álvaro Siza Vieira na Frente Ribeirinha de Viana do Castelo

2. Filipe Terzio e as Fortificações em Portugal

O arquiteto e engenheiro militar de origem bolonhesa, Filipe Terzio (1520-1597), foi o principal arquiteto a projetar as fortificações pela costa marítima de Portugal, durante o reinado D. Sebastião e de Filipe II (Ribeiro, 2016). Filipe Terzio nasce na cidade de Bolonha no ano de 1520. Realiza os seus estudos dentro das artes e das artes militares, em Urbino, Itália. Foi um dos arquitetos que mais fortificações construiu na segunda metade do século XVI em Itália e depois em Portugal (Ribeiro, 2016). Em Roma, em 1576, encontra o embaixador de Portugal, João Gomes da Silva que o levará a servir D. Sebastião e a Corte de Portugal, recomendado por Duque de Urbino (Ribeiro, 2016). Filipe Terzio terá embarcado em 1576 e terá chegado a Portugal em 1577. A sua contratação terá sido imediata segundo uma carta de João Gomes da Silva a D. Sebastião, datada de 26 de abril de 1576 (Ribeiro, 2016).

Filipe Terzio fez a sua mudança para Portugal por duas razões, uma por ter um problema judicial em que teve de fugir subtilmente de Pesaro, onde corria o risco de ficar preso por dívidas criadas pelo seu filho Alfonso, e a segunda razão foi por ter sido afastado de Pesaro e da corte ducal fazendo apenas visionamento de obras em Urbino, Senigallia, Fano e Orciano. Entre 1574 e 1576, não se encontram registos de obras realizadas por Terzio, constando-se que terá caído em desgraça pela purga levada a efeito por Francesco Maria II. No entanto, as condições oferecidas por Portugal eram atrativas para Terzio. As condições oferecidas por Portugal eram atrativas para Terzio, mas passados quatro anos, teve a ideia de regressar à sua terra natal, pensando que tudo teria amainado e encontraria outras condições de trabalho. No entanto o seu regresso não se realizou, e ficou a trabalhar em Portugal durante vinte anos, ou, muito provavelmente até à sua morte. Filipe Terzio projetou algumas das principais fortificações de Portugal, o Forte de Santa Marta em Cascais, o Forte de Peniche, o Forte de Santa Catarina na Figueira da Foz, o Forte São João Baptista em Vila do Conde, o Forte de Nossa senhora da Luz de Cascais, e o Forte de Santiago da Barra em Viana do Castelo (Ribeiro, 2016).

3. A importância do Forte de Santiago da Barra

Em 1459, os procuradores de Viana levavam às Cortes de Lisboa clamores de insegurança devido aos frequentes ataques de pirataria galega e francesa, o que terá levado à construção de um forte na embocadura do rio, de planta retangular e no seu centro uma torre.

Mais tarde, em 1502, é construída a torre de roqueta a mando de D. Manuel I. Em 1572 é realizado um acrescento de uma cerca externa, também em forma retangular, baseado em estudos com início em 1567. A 12 de Junho de 1569, é decidido construir um forte para defesa da cidade, englobando as muralhas e a torre já existentes. (http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=2215).

Entre 1588 e 1589, deduz-se que Filipe Terzio terá estado em Viana do Castelo e que desenhou um plano de reforma da fortificação. Cerca de 1589, foi ordenado por D. Filipe I (II de Espanha) um reforço dos dispositivos de defesa assim como alterações no traçado sob direção dos irmãos Fratin e Tiburzio Spanochi, que serviam a corte. Em 1596, foi a data da conclusão das obras. Entre 1652 e 1654 são realizados melhoramentos e acréscimos no forte, promovidos por D. Diogo de Lima, Visconde de Vila Nova de Cerveira e ainda Governador das Armas da Província de entre o Douro e Minho (http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=2215).

Em 1654 é construído o baluarte de São Pedro. Entre 1686 e 1703, são realizadas várias obras, dirigidas inicialmente pelo engenheiro Miguel de Lescole e em seguida por Manuel Pinto Villalobos, tendo sido construídos dois revelins, com o objetivo de proteger a entrada principal. Entre 1574 e 1788, Viana do Castelo é constantemente atacada por piratas franceses, ingleses e holandeses, valendo-lhe para sua defesa a existência do referido Forte (http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=2215).

A Fortaleza encontra-se a Oeste na cidade de Viana do Castelo, na Foz do Rio Lima, num local estrategicamente defensivo na entrada de Viana do Castelo pelo Oceano Atlântico, e estando parcialmente envolvido pelas construções do porto e estaleiros de Viana do Castelo. A Oeste, entre a estrada que contorna a cidade e a Fortaleza, existe um amplo terreiro relvado pontuado por árvores com estrada pavimentada a pedra que dá acesso ao Forte. Entre a Fortaleza e os estaleiros navais encontramos uma pequena avenida, ladeada por uma zona de relva, com vários bancos de pedra, e uma ciclovía. No topo do passeio junto ao Forte, foi erguida uma estátua de bronze que representa Viana, uma imagem de uma mulher a oferecer uma flor com os seus panejamentos ao vento (http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=2215).

A Fortaleza é uma fortificação de planta poligonal irregular, composta por um redente retangular irregular, integrando a chamada torre de roqueta, também de secção retangular, composta por quatro baluartes virados a terra. Unidos por cortinas retas de maior dimensão nas faces voltadas ao rio e ao oceano, e as que se encontram viradas para terra são reforçadas por dois revelins.

Encontramos paramentos em talude, com a escarpa exterior em cantaria aparelhada, coroados por cordão e parapeito liso ou com canhoeriras nos orelhões, tendo nos ângulos flanqueados guaritas cilíndricas ou retangulares, a meio das cortinas longas, assentes em mísulas sobre bolas, cobertas por domo. Existe apenas uma porta de acesso ao interior da Fortaleza, de arco de volta perfeita e aduelas em cunha. O interior da Fortaleza contém dois antigos quartéis, de planta retangular, constituído por fachadas de dois pisos rebocadas e pintadas. Entre o paiol e a gola do baluarte de São Rafael, temos a Capela de Santiago (http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=2215).

Neste momento funciona nos edifícios interiores da Fortaleza, uma Escola de Hotelaria de Viana do Castelo, a capela de Santiago, e a Sede da Região de Turismo do Alto Minho (dentro da Sede da Região de Turismo do Alto Minho contam um moderno centro de congressos e um auditório) (http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=2215).



Figura 9 - Vista Satélite enquadramento do Forte de Santiago da Barra com a Cidade

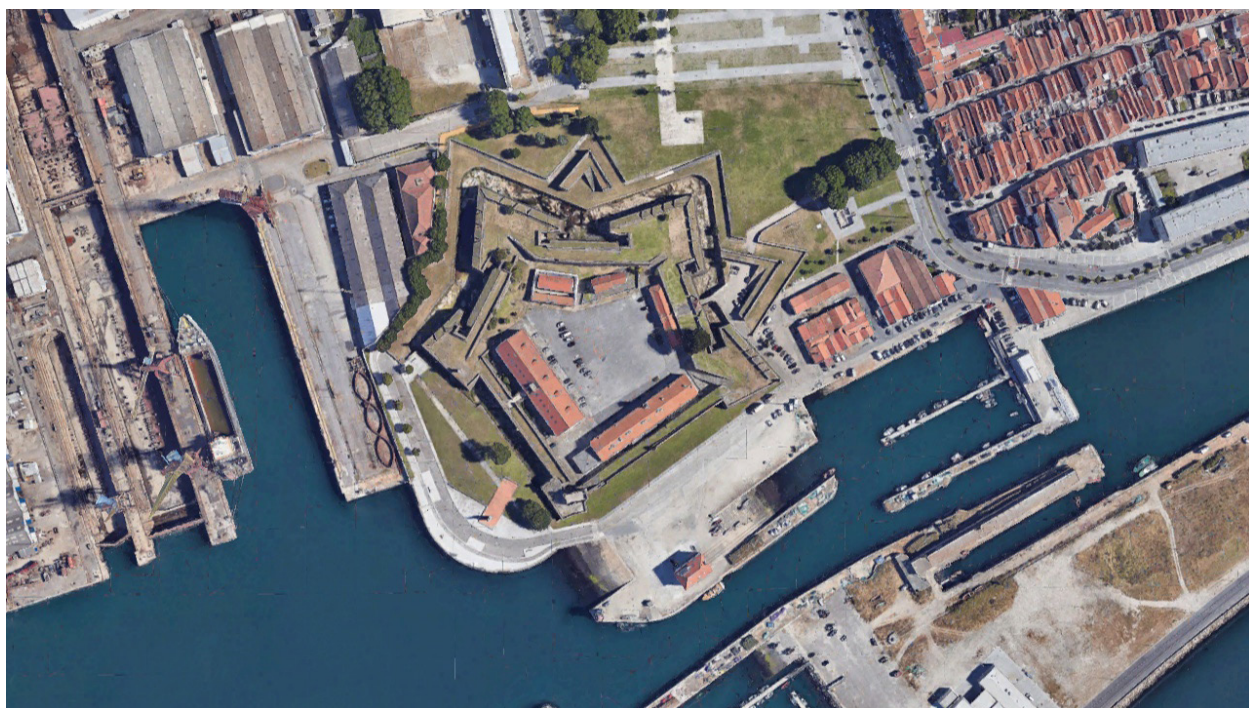


Figura 10 - Vista Satélite do Forte de Santiago da Barra e envolvente



Figura 11 - Vista aérea do Forte de Santiago da Barra e envolvente



Figura 12 - Vista do Forte de Santiago da Barra do topo do monte de Santa Luzia



Figura 13 - Entrada do Forte de Santiago da Barra



Figura 14 - Vista do lado sul do Forte de Santiago da Barra



Figura 15 - Vista do lado sul do Forte de Santiago da Barra



Figura 16 - Edifícios do Interior da muralha do Forte de Santiago da Barra



Figura 17 - Edifícios do Interior da muralha do Forte de Santiago da Barra

3.1 Intervenções em Fortificações projetados por Terzio

Fortaleza de Peniche

A fortaleza de Peniche encontra-se localizada no extremo Sul da península de Peniche, a Oeste do istmo onde se encontra o Forte das Cabanas e a frente urbana abaluartada. Encontra-se assente em escarpa rochosa, sobranceira à Ribeira Velha e tendo correlação no outro extremo ao Alto da Vila (http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=4063). Encontramos um sistema defensivo com o objetivo de defender a Península de Peniche, Lisboa e o Reino, que combinava um conjunto de estruturas fortificadas do mais vasto âmbito territorial, tendo a Noroeste o Forte de São João Baptista nas berlengas, a Sul o Forte de Nossa Senhora da Consolação, na praia da Consolação, a Norte o Fortim do Baleal, na praia do Baleal, atualmente em ruínas, e o Forte de Nossa Senhora da Luz no ilhéu da Papôa (http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=4063). A Fortaleza tem planta poligonal irregular complexa, traçado abaluartado associado à cidadela da vila e praça de guerra, três meios baluartes voltados para terra e um meio baluarte e um fortim redondo voltado para o mar. Cercada por um fosso aquático do lado de terra que acompanha a forma poligonal que é interrompida a noroeste através de revelim que defende a porta de entrada da fortaleza. A entrada é feita por duas portas, interior e exterior, que dão acesso à ponte de quatro arcadas que cria a ligação com a Fortaleza (http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=4063). No interior do Fortaleza encontram-se vários edifícios retangulares de apoio, contendo um deles uma capela (http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=4063). Desde fevereiro de 2022 está a ser realizado o projeto de um novo Museu da Resistência e da Liberdade no interior da Fortaleza, da autoria do atelier AR4. O júri do concurso público considera que foi um projeto que se destacou “pela sobreposição de percursos de diferente natureza nunca perdendo, cada um deles, autonomia, significado, ou fluidez no seu conjunto.” (<https://encomenda.oasrs.org/concursos/detalhe/z6gHDv/museu-nacional-da-resistencia-e-da-liberdade>), refere ainda, que “o projeto é muito contido e algo sombrio de acordo com a natureza dramática do seu conteúdo central, preservando os valores arquitectónicos com interesse patrimonial e os que, sem interesse de forma, remetem para um muito significativo conteúdo, não deixando de se abrir a leituras mais contemporâneas consonantes com um maior futuro de liberdade e democracia” (<https://encomenda.oasrs.org/concursos/detalhe/z6gHDv/museu-nacional-da-resistencia-e-da-liberdade>). Contém ainda a memória descritiva pelo atelier AR4, “a ideia de museu materializa-se na sobreposição de três tempos: o tempo de fortaleza, o tempo da prisão e o tempo do museu (...) a reorganização do conjunto prevê a sobreposição de percursos de diferentes naturezas, que se entrelaçam e sobrepõem, relacionando os edifícios, os pátios do núcleo central e as plataformas circundantes.” (<https://encomenda.oasrs.org/concursos/detalhe/z6gHDv/museu-nacional-da-resistencia-e-da-liberdade>).



Figura 18 - Vista aérea do Forte de Peniche



Figura 19 - Vista aérea do Forte de Peniche

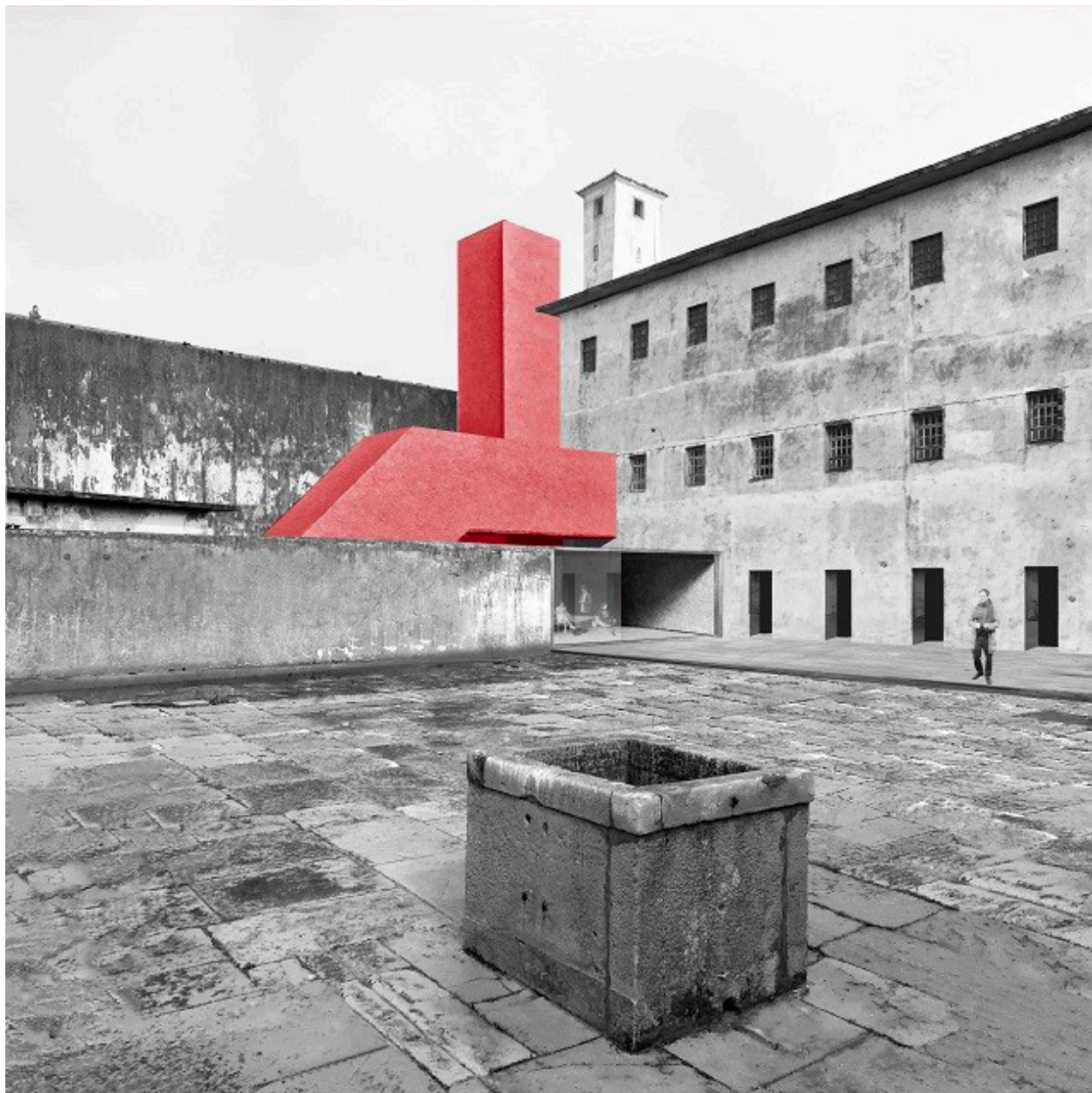


Figura 20 - Novo Museu Nacional da Liberdade e Resistência da autoria do atelier AR4

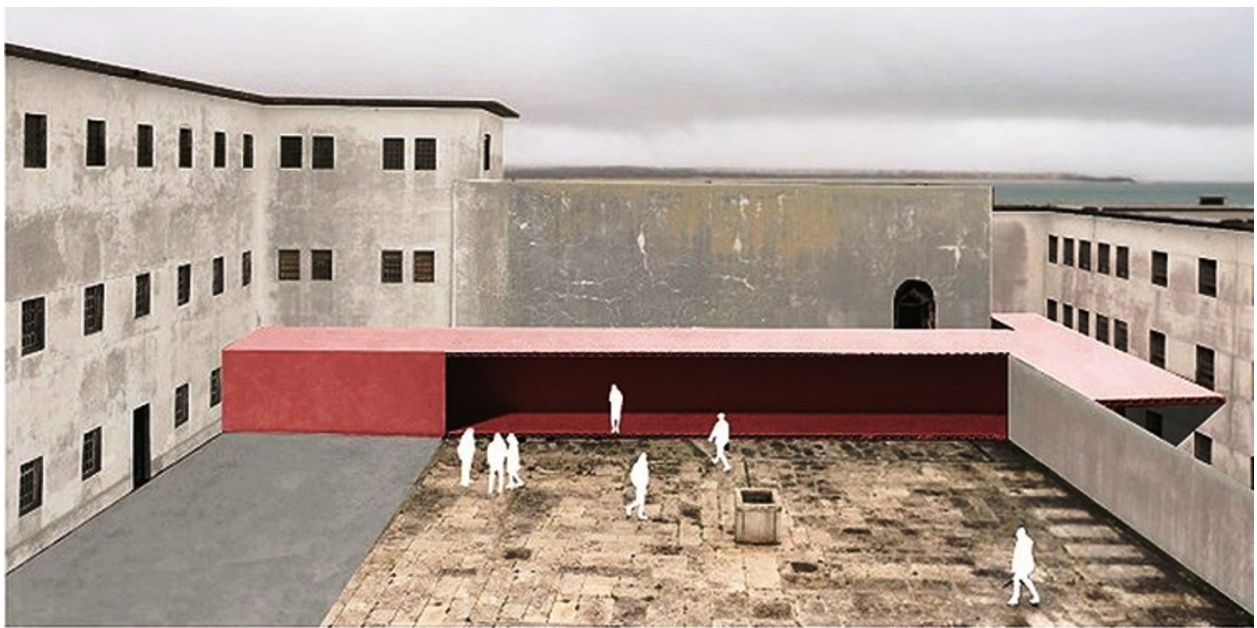


Figura 21 - Novo Museu Nacional da Liberdade e Resistência da autoria do atelier AR4

Forte de Santa Catarina na Figueira da Foz

O Forte de Santa Catarina encontra-se implantado no cume de um pequeno outeiro, a Norte da foz do rio Mondego (http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=2711).

O forte apresenta uma planta triangular, tendo no ângulo norte um meio baluarte, e nos outros dois ângulos, baluartes recortados em forma de cauda de andorinha (http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=2711).

O interior do forte é constituído por um pátio com acessos a pequenas casernas, e ainda a um farol e a uma capela com o nome de Santa Catarina (http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=2711).

A intervenção da autoria do atelier RVDm, teve como objetivo qualificar todo o interior do Forte, particularmente o pátio, praça de armas, capela, e as salas dos baluartes (<https://www.archdaily.com.br/br/794829/forte-santa-catarina-rvdm-arquitecto>).

O nível de intervenção foi diverso tanto nos espaços exteriores como nos espaços interiores, primeiramente de restauro e depois de requalificação. O primeiro programa de intervenção foi para o pátio interior e capela, havendo espaços para exposição alusiva à história do forte, principalmente na fase das “Guerras Peninsulares”. O segundo programa abrangeu as salas dos baluartes e o desenvolvimento de espaços para bares, um restaurante temático (<https://www.archdaily.com.br/br/794829/forte-santa-catarina-rvdm-arquitecto>).

Na sala de refeições do restaurante foi mantida a geometria do espaço mas criada uma estrutura laminada de madeira em abóbada que esconde as infraestruturas originais e proporciona um ambiente acolhedor onde predomina a luz artificial (<https://www.archdaily.com.br/br/794829/forte-santa-catarina-rvdm-arquitecto>).

As instalações sanitárias encontram-se no baluarte norte distribuídas em cabines autónomas. O objetivo da intervenção era ser o mais simples possível, salientando as formas originais, construtivas e espaciais. A intervenção destaca-se por tapar as infraestruturas mantendo a compreensão do Forte na sua relação espacial original, tanto interna como externa, integrando-se na paisagem natural assim como na envolvente urbana (<https://www.archdaily.com.br/br/794829/forte-santa-catarina-rvdm-arquitecto>).

É considerado como um lugar de reclusão vigia e observação. O Forte encontra-se disponível para uso público com ligação a toda a sua implícita história (<https://www.archdaily.com.br/br/794829/forte-santa-catarina-rvdm-arquitecto>).

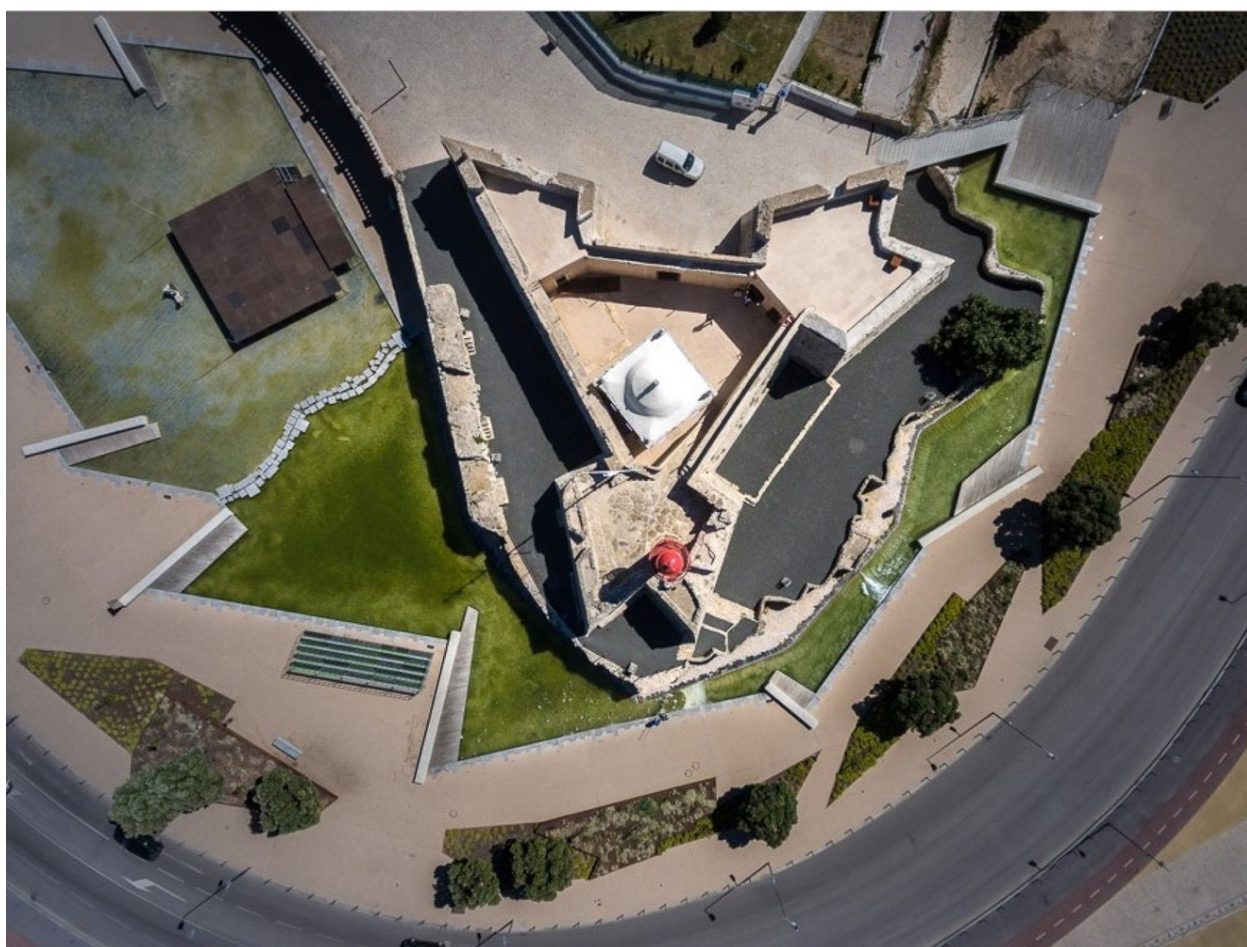


Figura 22 - Planta de Implantação do Forte de Santa Catarina



Figura 23 - Intervenção no interior do Forte de Santa Catarina da autoria do atelier RVDM



Figura 24 - Intervenção no interior do Forte de Santa Catarina da autoria do atelier RVDM



Figura 25 - Intervenção no interior do Forte de Santa Catarina da autoria do atelier RVDM



Figura 26 - Intervenção no interior do Forte de Santa Catarina da autoria do atelier RVDM

Museu Farol de Santa Marta em Cascais

O Museu Farol Santa Marta em Cascais encontra-se integrado na costa defensiva de Cascais no Forte com o mesmo nome. O Forte de Santa Marta em Cascais encontra-se implantado na margem direita da foz da ribeira dos Mochos, na Ponta de Santa Marta, assente num maciço rochoso, na qual se molda a estrutura da fortificação. Atualmente na sua frente encontra-se a marina de Cascais. Eleva-se numa área em que se encontram vários imóveis classificados, em que as zonas de proteção se interligam entre si, criando uma frente defensiva composta pela Cidadela, a Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, o Palácio e Museu dos Condes de Castro Guimarães e a Casa de Santa Maria (http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=6053).

Podemos encontrar na reentrância para a foz do rio do Bode, entre o Forte de Santa Marta e a Cidadela, o antigo baluarte do Rio do Bode, mais tarde chamado por bateria de Nossa Senhora da Luz. Nas proximidades encontra-se elevado o antigo Convento de Nossa Senhora da Piedade / Centro cultural de Cascais (http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=6053).

O forte é constituído por uma estrutura em alvenaria rebocada e pintada. É uma fortificação de planta poligonal irregular, constituída por plataforma retangular, sobrelevada e virada para o mar. Na plataforma encontrava-se um farol oitocentista de planta quadrangular, corpo prismático, revestido a azulejo (http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=6053).

O projeto de reabilitação tem origem na necessidade de preservar a antiga fortaleza e o farol por meio da adaptação a novos usos capazes de revitalizar o decadente complexo. Estas estruturas encontram-se entre o mar e a terra, e carregam uma carga histórica funções de espaços, materiais e sistemas tecnológicos. Estes fragmentos históricos são a base de essência da proposta. Além da recuperação do existente, o projeto envolve novas instalações, como centro de documentação, refeitório e instalações sanitárias. Numa faixa inferior, de geometria esculpida que enquadra o acesso ao farol, encontra-se uma praça com vistas sublimes sobre o oceano. Esta faixa é rebocada a argamassa pintada a branco, que enfatiza o carácter abstrato da composição, e combina suavemente o edifício com as paredes caiadas de branco do forte. As três estruturas que circundam o farol encontram-se revestidas por peças cerâmicas do branco tradicional da região (<https://www.archdaily.com.br/br/794821/museu-farol-santa-marta-aires-mateus>).



Figura 27 - Museu Farol de Santa Marta em Cascais



Figura 28 - Museu Farol de Santa Marta em Cascais



Figura 29 - Museu Farol de Santa Marta em Cascais

4. Projecto do porto fluvial em Viana

4.1 Estratégia de grupo.

O programa Polis para Viana do Castelo teve por base a ligação próxima entre os três ecossistemas existentes, mar, rio e serra, e a sua ligação com a cidade.

Nessa ligação pretendeu-se sempre privilegiar a ligação visual entre eles, com a presença de amplos espaços públicos, zonas verdes, e a mobilidade sustentável na cidade, com a criação de extensas ciclovias, percursos pedonais, redes de transportes públicos, condicionando e orientando o tráfego automóvel que acedia à cidade, para parques e vias de circulação periféricas à cidade.

O programa previu intervenções no centro histórico e em toda a frente ribeirinha da cidade, na margem sul do rio Lima a jusante da ponte Eiffel, e na frente marítima, a norte e a sul do estuário do rio Lima.

Nestas intervenções destacam-se os projectos da Biblioteca Municipal da autoria do Arq. Siza Vieira, os Edifícios Administrativos da Praça da Liberdade do Arq. Fernando Távora, o pavilhão Multiuso do Arq. Souto de Moura, as Infraestruturas e o Espaço Público da Frente Ribeirinha e Campo da Agonia do Arq. Adalberto Dias. (AECOPS-Associação de obras públicas e Serviços, 2006).

Os quatro projectos de final de curso basearam-se em objectivos definidos mas não realizados do programa Polis para Viana do Castelo, a cidade proposta a intervir, centrando-se a estratégia de grupo na ligação entre o centro consolidado e as periferias, promovendo a mobilidade entre elas, criando estruturas de proximidade, promovendo a valorização económica e cultural das populações da cidade.

Um dos projectos propõe a renovação da frente marítima norte, que inclui a reabilitação das Piscinas das Marés na Praia Norte, promovendo-se a ligação visual do mar com o rochoso monte de Santa Luzia e a sua imponente catedral, e ainda espaços verdes e a criação de uma ciclovia que percorre toda esta zona, interligando-a através da Avenida do Atlântico, com a ciclovia do Campo da Agonia, e esta com a ciclovia da frente ribeirinha. Este projecto pretende também dar apoio à Escola Superior de Tecnologia e Gestão existente naquela zona, criando a sua proximidade não só com o centro histórico, como com a Escola de Hotelaria existente no interior do Forte de Santiago, promovendo a comunicação entre os dois polos estudantis. (Miguel Almeida, 2022).

O presente projecto propõe um porto fluvial de transporte público com as suas estruturas de apoio, ligando a margem norte junto ao forte de Santiago, com a margem sul no Cabedelo e as suas paradisíacas praias, promovendo a proximidade e a expansão da cidade com a margem sul do estuário do rio Lima, desde as praias do Cabedelo à Vila de Darque, freguesia de Viana do Castelo, já perto da ponte Eiffel.

Os outros dois projectos propõem intervenções nesta margem sul, prevendo uma delas a reconversão de um parque de campismo num alojamento rural com atividades lúdicas, mas em ambos os projectos mantém-se a mesma estratégia de grupo de promover a mobilidade sustentável neles e entre eles, com ciclovias e circuitos pedonais percorrendo amplos espaços verdes e prevendo sempre a ligação visual com os ecossistemas presentes.



Figura 30 - Marcação do local de Intervenção da estratégia de grupo

4.2 Razões para a escolha do local

A sua localização geográfica, junto aos Estaleiros Navais e Forte de Santiago da Barra, a sudoeste da cidade de Viana do Castelo, reúne condições privilegiadas para a implantação do porto fluvial de Viana.

Apesar de estar no extremo da cidade, este é um ponto de partida e de proximidade, em todas as direcções, com os principais locais da cidade.

Assim a Norte, a seguir ao Forte de Santiago da Barra, temos o amplo espaço verde do Campo da Agonia e a entrada dos Estaleiros Navais, seguindo a Noroeste liga com a praia e a frente marítima norte e a sua faculdade, a Nordeste liga com o centro histórico da cidade, e seus edifícios administrativos, culturais e religiosos, e ainda o acesso ao monte da santa luzia, a Este liga com os espaços verdes da zona ribeirinha e os seus emblemáticos edifícios, Pavilhão Multiuso e Biblioteca Municipal.

O facto de estar numa ponta da cidade, o porto terá esta área dedicada à sua funcionalidade, não condicionando e não interferindo com a circulação das demais localidades da cidade.

É também um local estratégico para fechar em anel a ligação entre ambas as margens ribeirinhas do estuário do rio Lima.

A montante do estuário já existe a ligação pela ponte Eiffel, e após e a conclusão deste projecto, ficará a existir uma ligação a jusante, junto à foz, uma ligação fluvial, que se pretende sustentável pois promove a mobilidade das pessoas colectivamente, ainda na continuidade do propósito do projecto Polis, será apoiada por trajectos pedonais e de ciclovias ao longo da margem ribeirinha sul.

Sugere-se ainda uma solução de embarcações de propulsão eléctrica para fazer o trajecto entre margens.

O trajecto fluvial será ele também marcante, pois vai permitir uma viagem relaxante e de rara beleza, permitindo uma ligação visual extensa com o rio, praias e mar, com as zonas ribeirinhas e a margem norte com a cidade e as suas estruturas icónicas, tendo por fundo o monte de Santa Luzia e a sua Catedral.

Este novo cenário espacial, vai permitir também para a margem sul, a reabilitação e requalificação das zonas ribeirinhas da margem sul, o crescimento estruturado de habitação e comércio, o aparecimento de estruturas turísticas aproveitando a área circundante às praias do Cabedelo.

O local cumpre assim a estratégia de grupo, criando estruturas de proximidade, promovendo a ligação entre o centro consolidado e as periferias, a mobilidade entre elas, visando criar valorização económica e cultural das populações da cidade.

O Porto Fluvial em Viana terá um papel marcante e predominante na vida social e económica da cidade.



Figura 31 - Marcação do local de Intervenção de projeto



Figura 32 - Local de Intervenção de projeto





Figura 33 - Fotografia antiga do local de Intervenção de projeto



Figura 34 - Fotografia antiga do local de Intervenção de projeto



Figura 35 - Fotografia antiga do local de Intervenção de projeto



Figura 36 - Fotografia antiga do local de Intervenção de projeto



Figura 37 - Fotografia antiga do local de Intervenção de projeto



Figura 38 - Fotografia antiga do local de Intervenção de projeto

4.3 Motivação para a realização do presente projecto

Este projecto assenta no estudo da obra do Arq. Siza Vieira, em especial o Pavilhão de Portugal, integrado na Expo'98, e na obra da Biblioteca de Viana do Castelo inserida no programa Polis para Viana, pretendendo dar continuidade à sua obra, pela compreensão da sua visão crítica sobre a arquitetura e a cidade.

O presente projecto em Viana do Castelo, tem em algumas analogias com o projecto Expo, pois pretende também ele recuperar um aterro menos utilizado, num extremo da cidade, e também ele criará um interface de transporte entre ambas as margens, para criar proximidade entre as várias localidades da cidade e margem sul, havendo também lugar à reabilitação de frentes ribeirinhas.

O Pavilhão de Portugal

O Pavilhão foi o edifício mais representativo da Expo'98 de Lisboa, seja, pela designação, programa ou localização.

Estruturalmente está dividido em dois corpos distintos. Um corpo acolhe os espaços expositivos, num edifício de dois pisos, de forma predominantemente retangular, aberto centralmente em torno de um pátio, tendo no lado exterior Oeste, um rasgo de varandas simples, e no lado Este, virada para o rio, uma varanda que percorre toda esta face do edifício, sobre a laje do piso que emerge em balanço para esse fim, e por uma cobertura também em laje, que avança para o rio e é suportada por extensos pilares já junto à linha de água.

O outro corpo é o ponto alto do projeto, uma imponente pala curva de grandes dimensões, mas impressionantemente fina, sustentada lateralmente por dois volumes monumentais, cobrindo uma extensa praça pública, concebida para receber grandes eventos públicos, criando condições de proteção solar, num ambiente arejado devido à sua altimetria, e ainda com condições acústicas propícias a espectáculos.

Os volumes que suspendem a pala lateralmente, são dois pórticos, compostos por uma volumosa viga de encastramento dos cabos de aço que a suspendem, suportada esta por nove compridos e volumosos pilares, fechados superiormente por uma laje.

A pala de aspeto leve e graciosa é feita de betão armado, e é suspensa por inúmeros cabos de aço paralelos, periodicamente espaçados entre si, que a percorrem de um extremo ao outro, emergindo do seu interior até atingirem as vigas de encastramento.

A curva suave da fina pala ladeada pelos seus imponentes pórticos, permitem um enquadramento visual em profundidade do céu e rio, de rara beleza.

O edifício é marcado por elementos de leveza e de monumentalidade e serve de inspiração para o desenho do projeto da presente dissertação.

(<https://www.archdaily.com.br/br/783137/classicos-da-arquitetura-pavilhao-portugues-na-expo-98-alvaro-siza-vieira>).



Figura 39 - Vista aérea lado Este do Pavilhão Portugal



Figura 40 - Pavilhão de Portugal



Figura 41 - Vista aérea lado Oeste do Pavilhão de Portugal



Figura 42 - Alçado Este do Pavilhão de Portugal

Biblioteca de Viana do Castelo

O lugar escolhido para a nova Biblioteca Municipal de Viana do Castelo foi no aterro junto à marginal da cidade, inserido no programa Polis Norte e no Plano Pormenor da Frente Ribeirinha de Viana do Castelo. Um dos objectivos de ser na Frente Ribeirinha é com o intuito de garantir a evolução territorial harmoniosa, e uma coesão entre a zona de aterro com a cidade histórica, através de qualificação da marginal, espaços verdes, de fácil acesso (Castelões, 2016). Este plano estava a ser liderado por Fernando Távora. Os primeiros estudos de Távora datam de 1999. Só mais tarde foram postos novamente em cima da mesa para serem implementados e estudados em 2002, juntamente com o programa Polis, no Plano Pormenor da Frente Ribeirinha. Este plano, após a implementação do programa Polis foi desenvolvido em coautoria pelos três Arquitetos José Távora, Eduardo Souto de Moura e Álvaro Siza Vieira com base nos esboços do Arquiteto Fernando Távora, à data já falecido (Castelões, 2016). Deste Plano de requalificação integra um edifício de escritórios desenhado pelo Arquiteto Fernando Távora, Pavilhão Multiusos de Eduardo Souto De Moura e a Biblioteca por Álvaro Siza Vieira (Castelões, 2016).

A biblioteca encontra-se ao lado da Praça da Liberdade, extremo poente do aterro, junto ao rio, onde se podem encontrar implantados também grandes espaços verdes. A sua construção teve início em janeiro de 2004 e a sua inauguração realizou-se a 20 de janeiro de 2008 (Castelões, 2016). O ponto de partida no pensamento do Arquiteto Álvaro Siza Vieira, o seu conceito, é de não retirar a relação da cidade histórica com o Rio, física e visualmente. Podemos verificar isso num dos seus primeiros esboços do Arquiteto Álvaro Siza, uma forma em U elevada por grandes pilares. Cria assim uma forte ligação física e visual entre a cidade antiga e o rio, física e visualmente. A entrada para a biblioteca faz-se pelo L onde se encontra a receção, e acessos a serviços privados dos trabalhadores, uma sala de estar, um auditório, escritórios, e ainda um arquivo de obras reservadas. As escadas encontram-se no lado esquerdo da entrada da biblioteca dando acesso a um piso superior em U elevado (ponto de interseção entre a forma U e a forma L, junto a um vão já no piso superior que podemos considerar como um mar de luz pelo seu elevado comprimento que banha o piso térreo de luz natural). Nele, podemos encontrar várias alas com estantes, mesas, cadeiras desenhadas pelo arquiteto e expostas de forma perpendicular aos vãos em fita horizontal, permitindo assim a entrada de luz natural e uma contemplação de vista sobre a cidade antiga, o rio, a praça, e os espaços verdes que qualificam a zona de aterro do lado da biblioteca assim como para o interior vazado da forma elevada. Em todas as alas nunca se perde a ligação visual com a envolvente da biblioteca. No topo da zona dos corredores, existem umas formas curvas elevadas para entrar luz natural pelo topo e na zona de leitura existem lanternins. Podemos encontrar numa extremidade do lado nordeste, duas salas, uma para crianças e outra de multimédia, tendo ao lado as casas de banho e em seguida a receção do piso superior junto às escadas que dão acesso à interseção entre o piso térreo e o piso superior (Castelões, 2016).

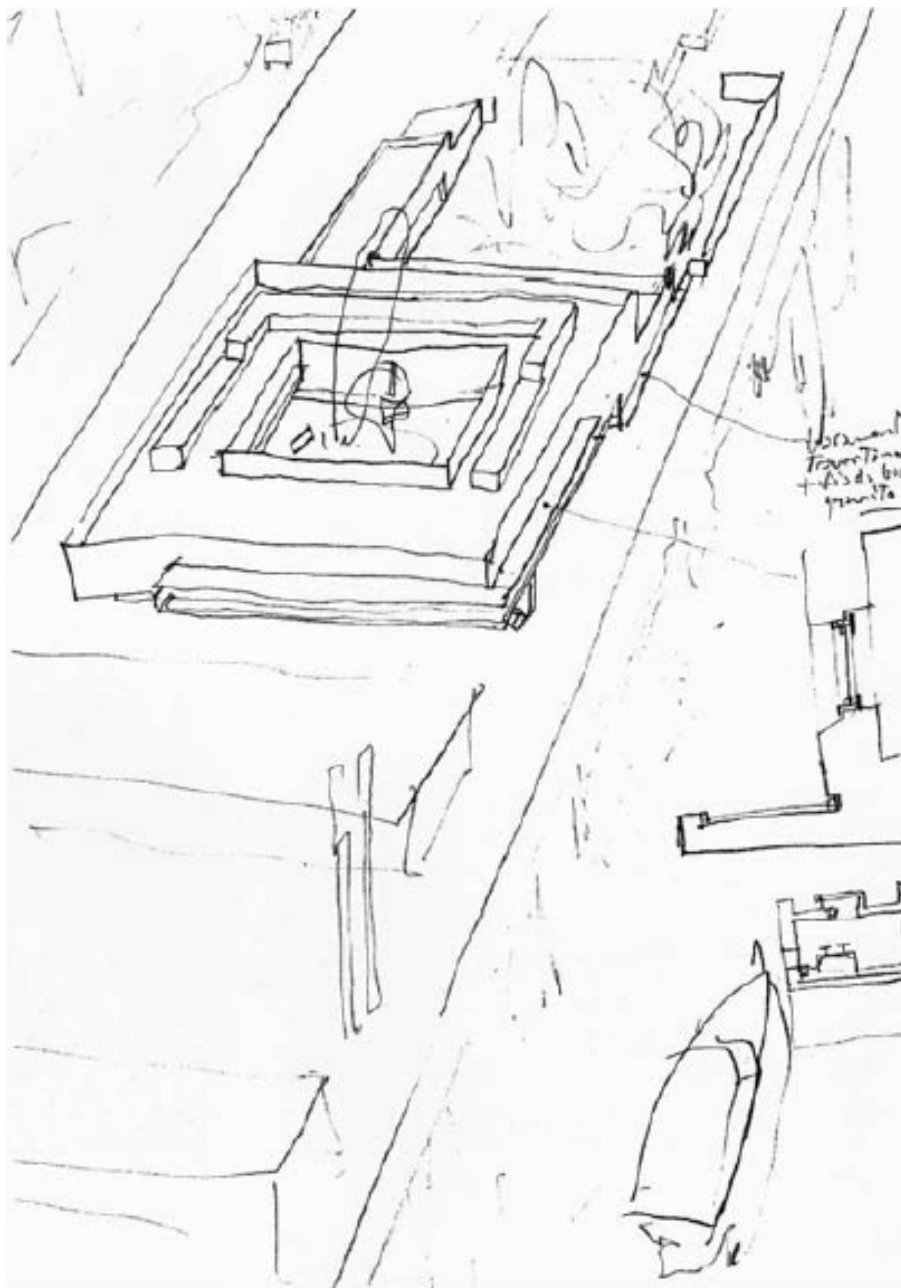


Figura 43 - Esquízo de projeto da Biblioteca de Viana do Castelo realizado pelo Arquitecto Álvaro Siza Vieira

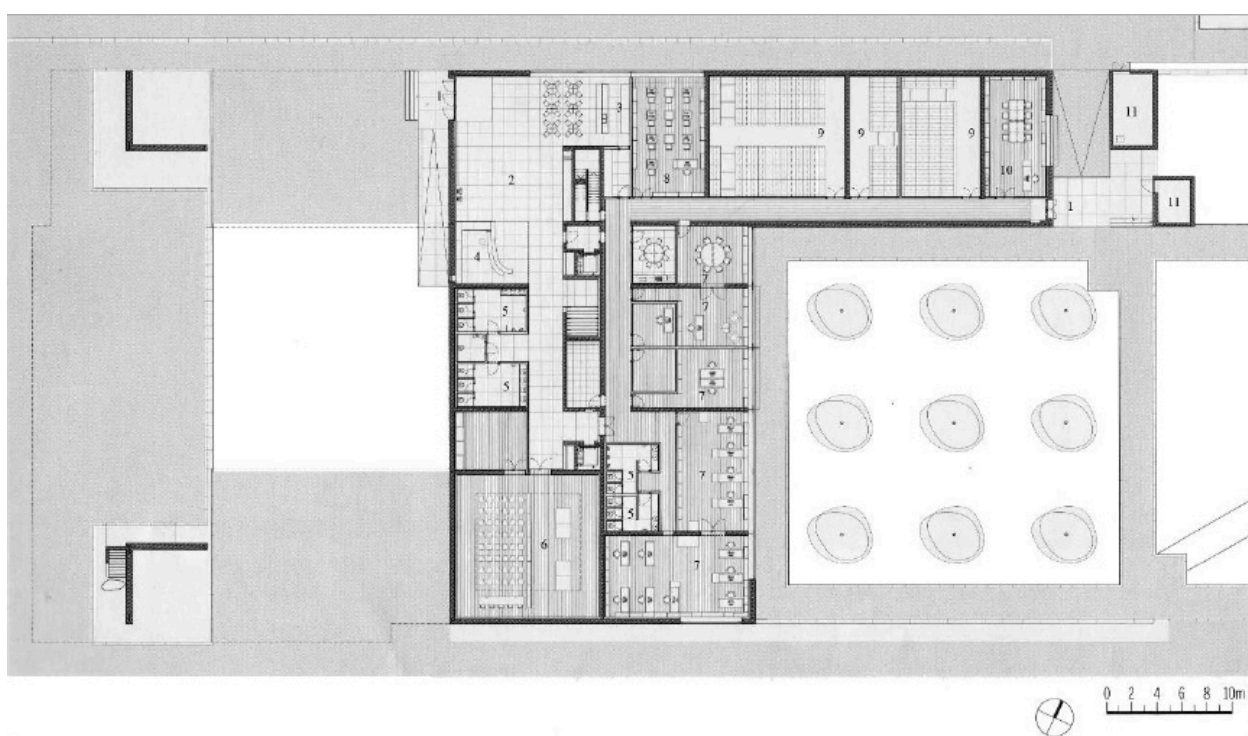


Figura 44 - Planta Piso Térreo da Biblioteca de Viana do Castelo

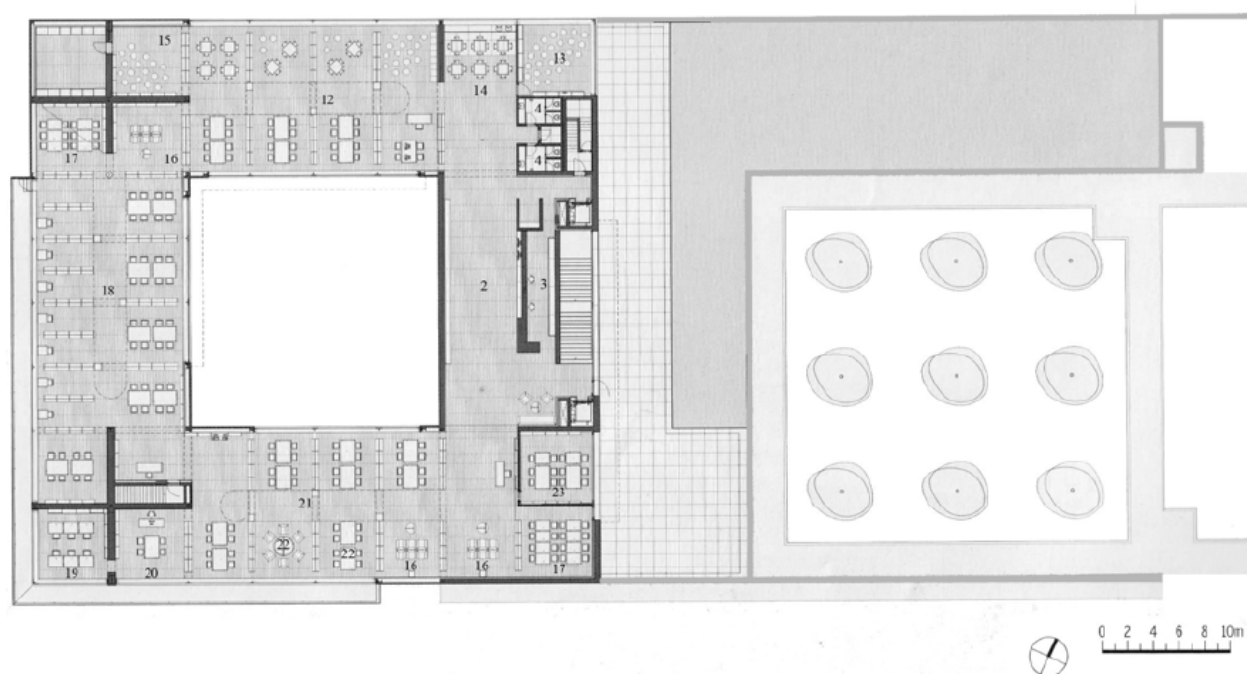


Figura 45 - Planta Piso 1 da Biblioteca de Viana do Castelo



Figura 46 -Biblioteca de Viana do Castelo vista do topo do monte de Santa Luzia



Figura 47 - Vista aérea da Biblioteca de Viana do Castelo



Figura 48 - Biblioteca de Viana do Castelo



Figura 49 - Biblioteca de Viana do Castelo



Figura 50 - Biblioteca de Viana do Castelo



Figura 51 - Biblioteca de Viana do Castelo



Figura 52 - Biblioteca de Viana do Castelo



Figura 53 - Biblioteca de Viana do Castelo

7.4 Memória Descritiva

A proposta de projeto consiste em três espaços distintos, compostos por dois volumes de diferentes altimetrias, ligados por uma pala curvilínea que cobre uma ampla praça pública.

O amplo espaço público entre os dois volumes pretende dar uma entrada nobre ao porto fluvial, mantendo a ligação física e visual entre a muralha e o rio, e a sinuosa pala pretende conferir-lhe monumentalidade.

O primeiro volume é destinado a serviços, comportando um café, um restaurante e instalações sanitárias. Este volume pretende dar apoio na área da restauração, não só aos passageiros do transporte fluvial, mas também à escola de hotelaria e aos demais serviços integrados no Forte de Santiago.

O segundo volume destina-se aos serviços de apoio ao porto fluvial, comportando as bilheteiras, escritório de apoio, sala de espera, instalações sanitárias, e ainda espaço para duas lojas comerciais.

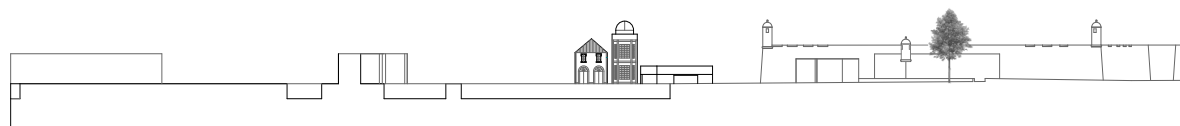
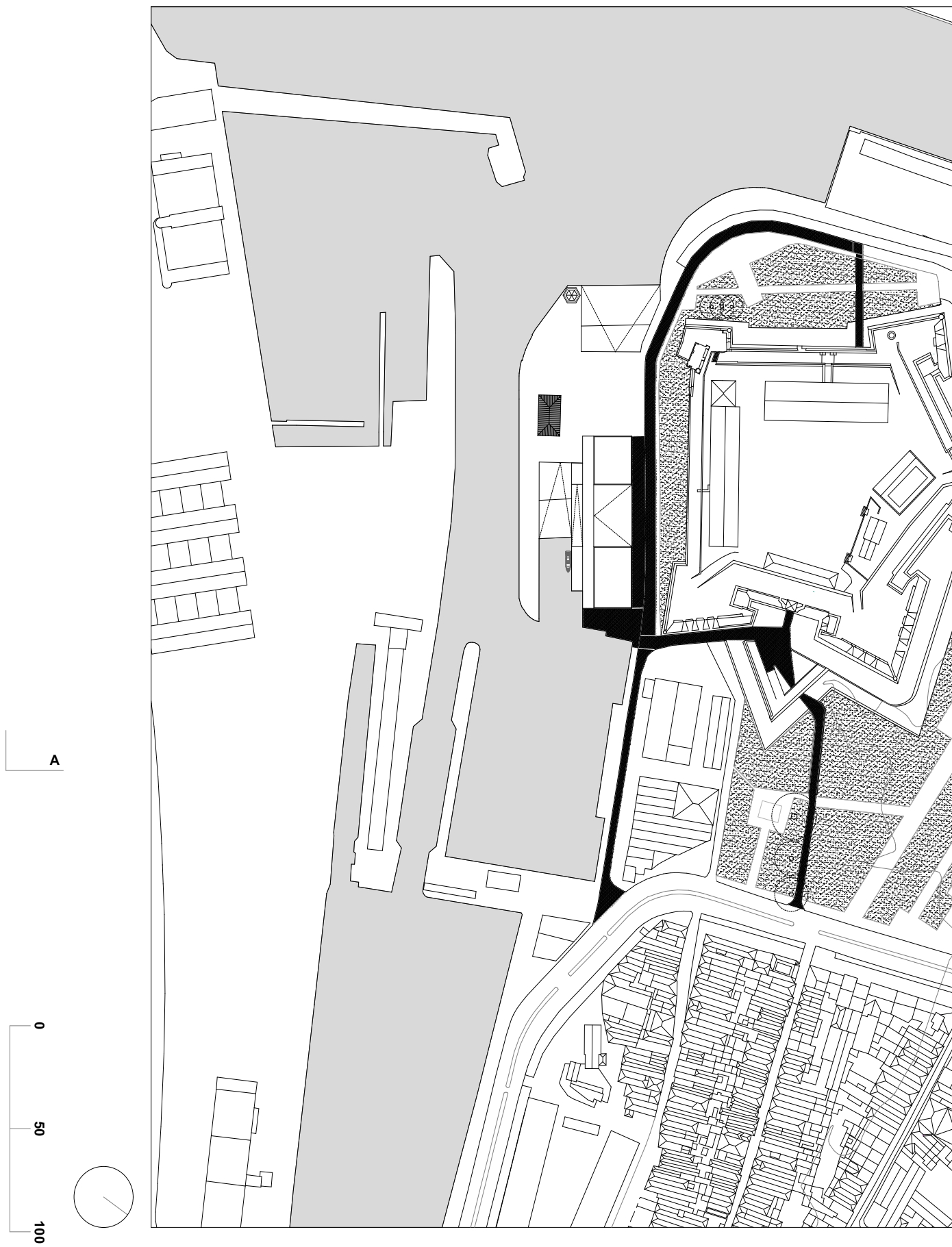
A pala pretende cobrir o amplo espaço público entre os dois volumes, criando uma zona abrigada de amplo acesso aos cais de embarque, integrando também espaços de lazer pontuados por mobiliário urbano e espaços verdes, ligando a avenida da muralha ao passeio ribeirinho que corre ao longo do edifício de projecto, também ele coberto por uma extensa pala de dois níveis, suportada por pilares junto à linha de água.

A disposição das diferentes altimetrias tiveram por base a visão de quem acede ao porto, que será sempre pelo lado Este deste.

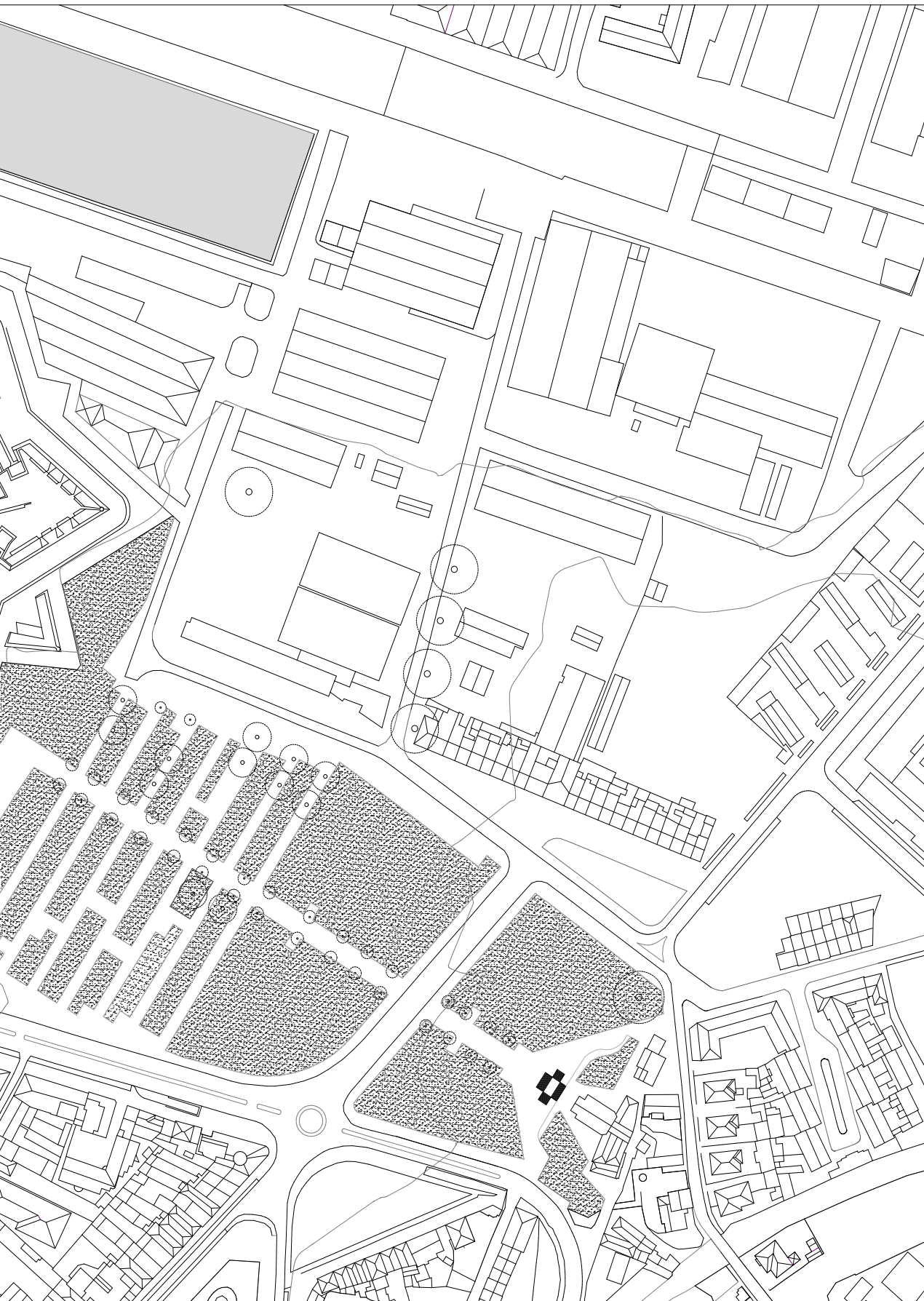
Assim o primeiro volume será o de menor altimetria, permitindo assim avistar o segundo volume, de maior altimetria, e entre eles a fina pala que sobe sinuosamente até atingir a cota do segundo volume, avançando depois à mesma cota até à linha de água, conseguindo-se ainda vislumbrar por baixo dela, alguns dos seus pilares de suporte.

A curvatura ascendente da pala para quem vem do exterior e entra na praça central do edifício do porto, vai permitir naquele momento, contemplar o rio, margem sul e céu num enquadramento repentinamente maior, criando ao caminhar na direção de um volume envolvente cada vez maior, a sensação de expansão, de mais espaço, de mais liberdade, de mais oportunidades.

A Oeste do passeio ribeirinho do edifício, encontramos a entrada para a rampa de acesso à plataforma de embarque, com ligação articulada entre elas, para compensar as alterações do nível do rio devido às marés. Na plataforma está previsto existir uma torre para carregamento das baterias dos barcos que fazem a travessia.

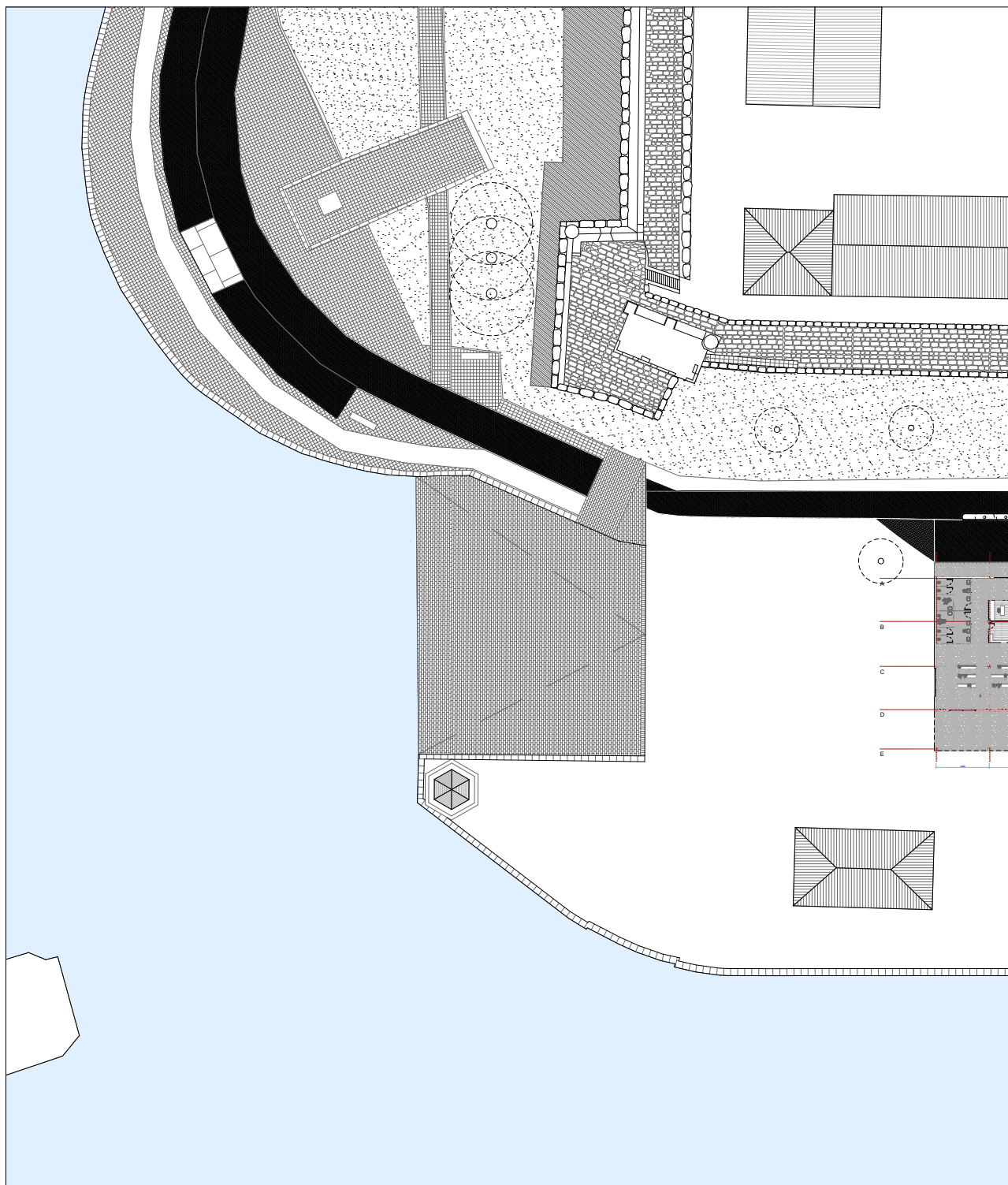


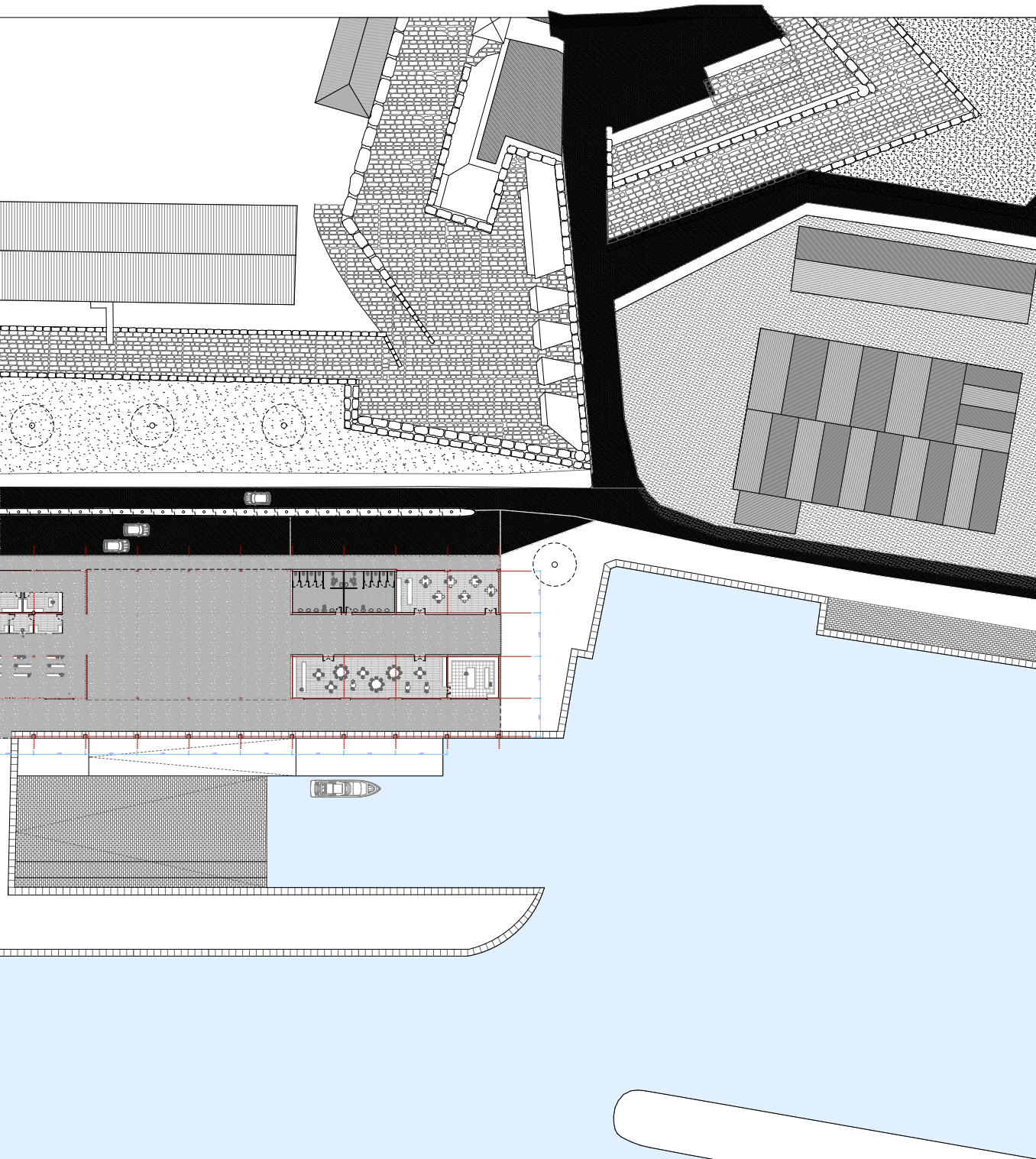
Corte A



A



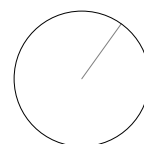


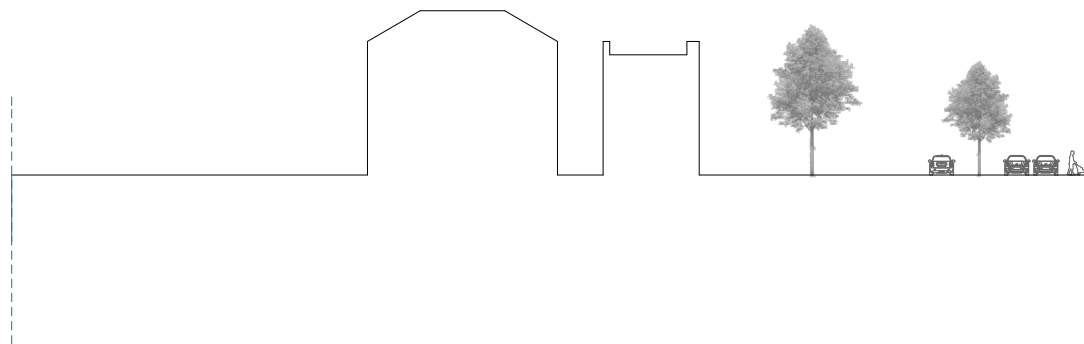
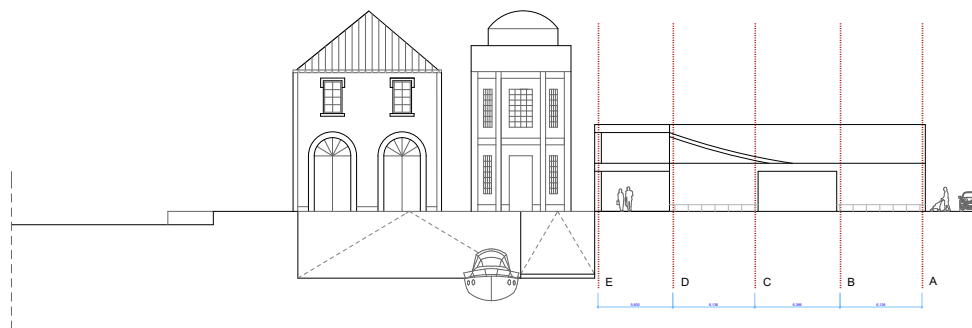
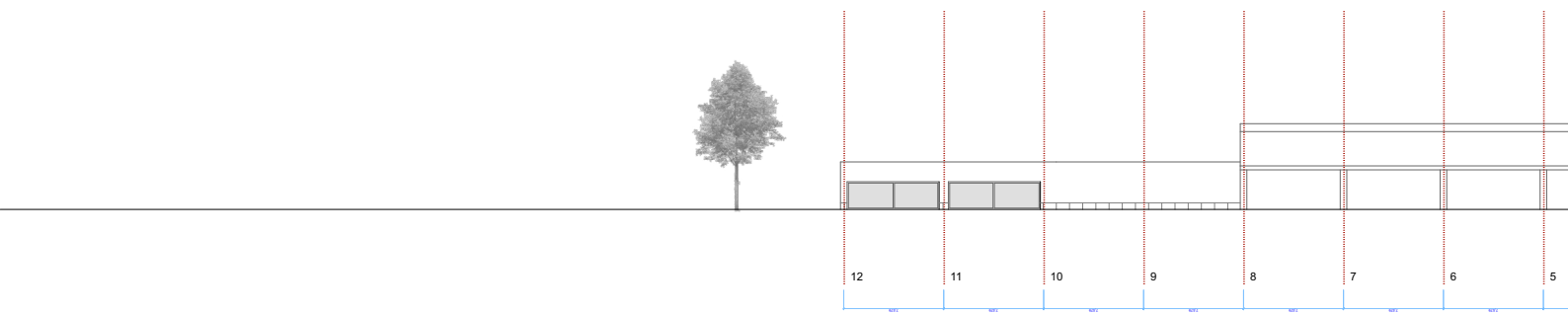
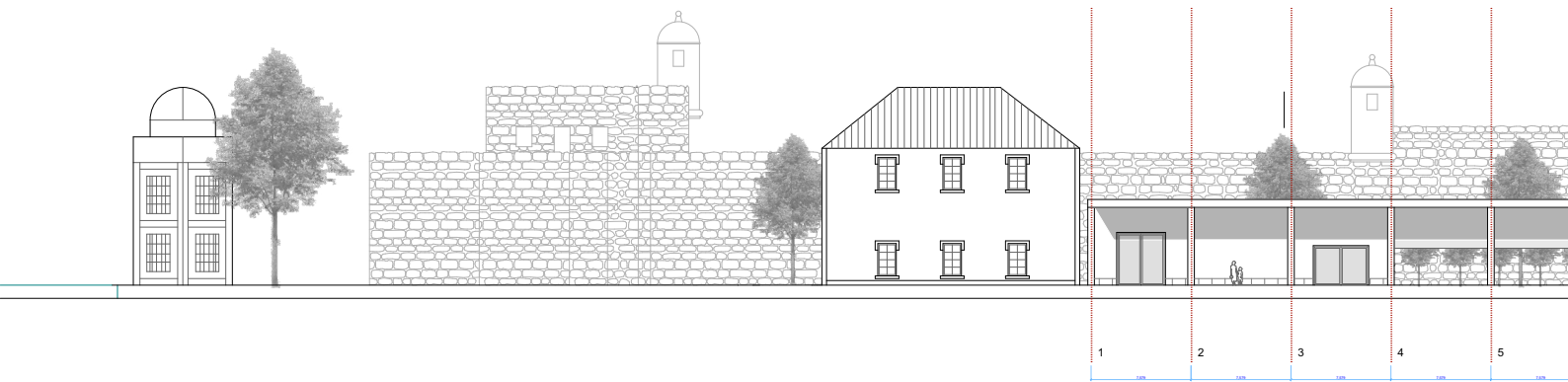


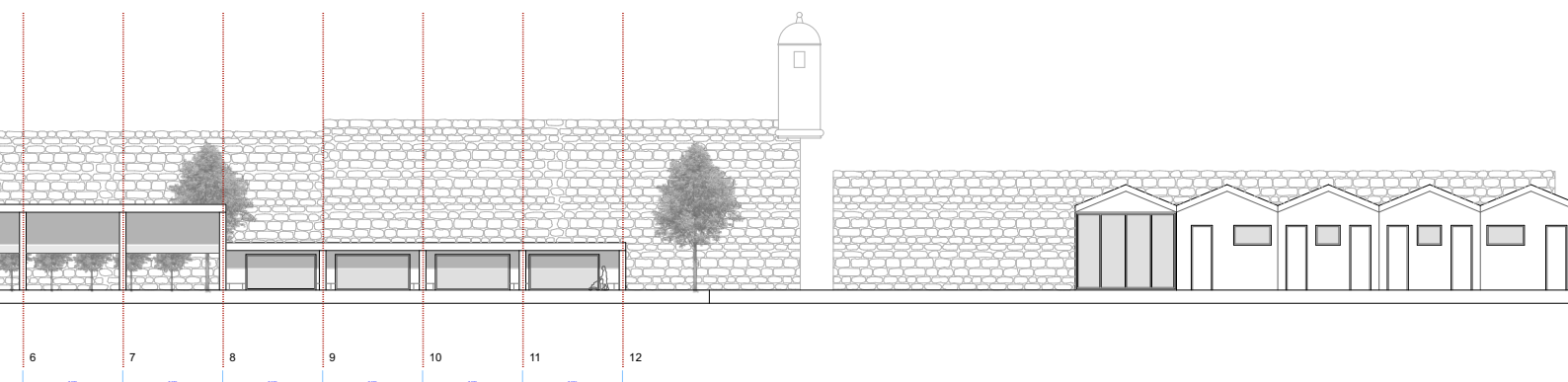
0

20

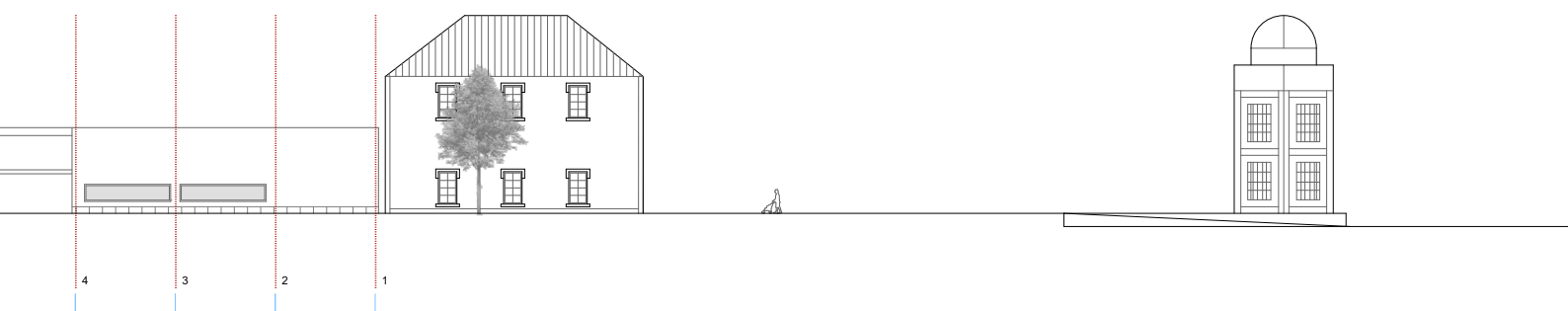
50



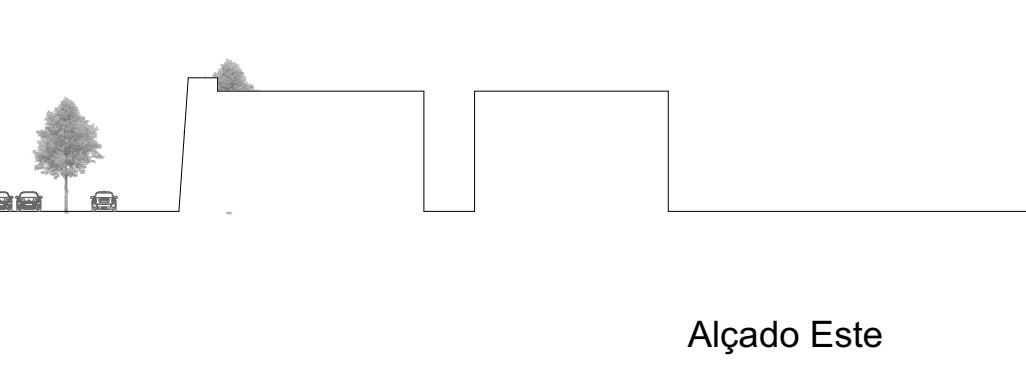




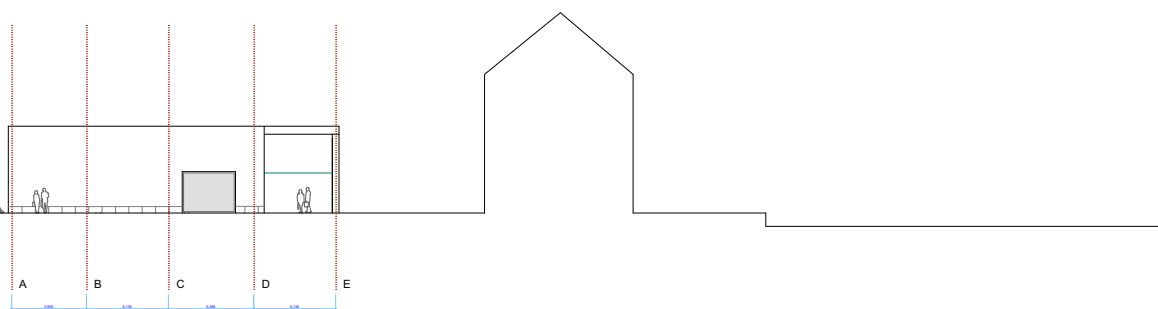
Alçado Sul



Alçado Norte

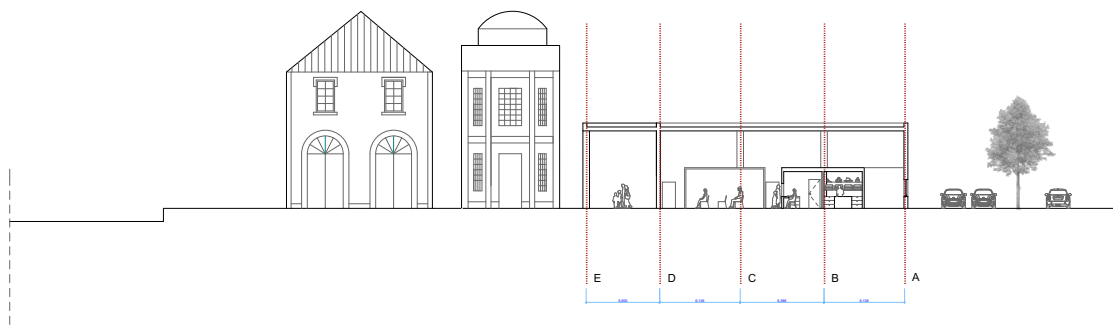
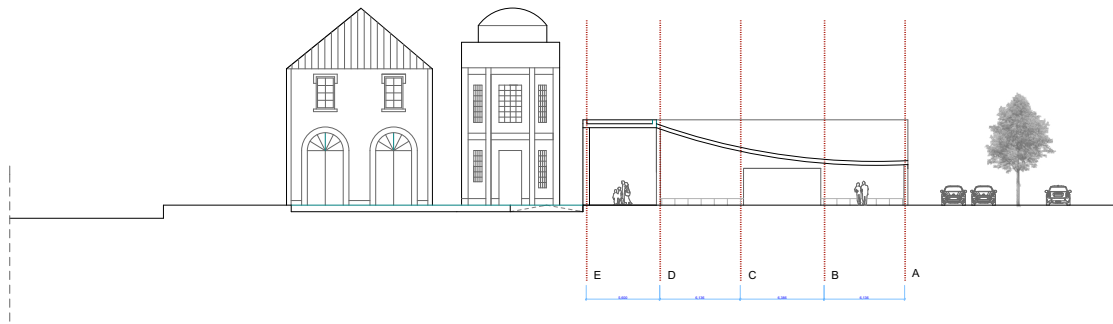
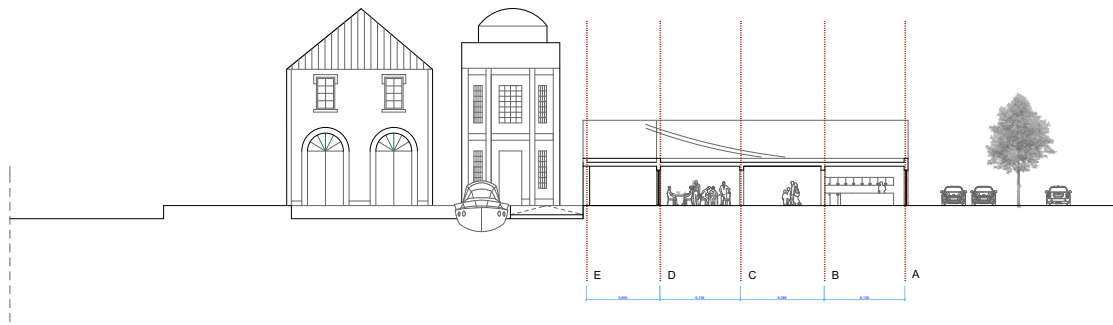


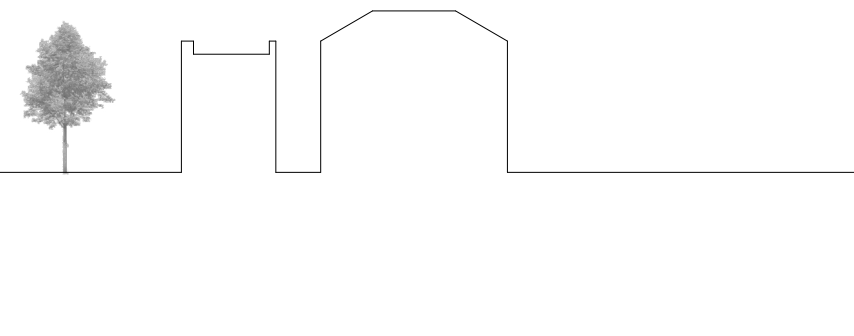
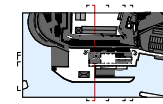
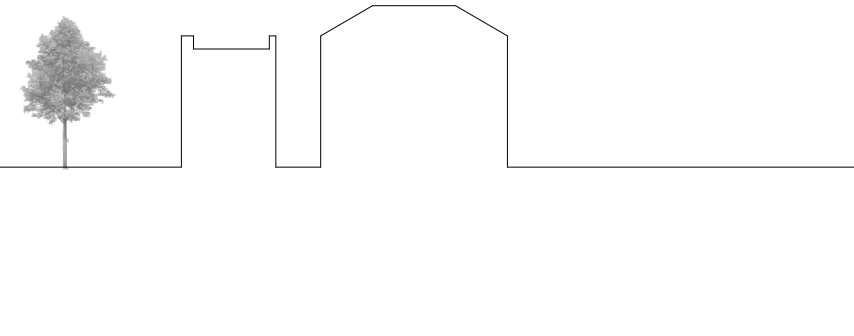
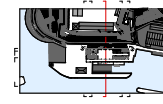
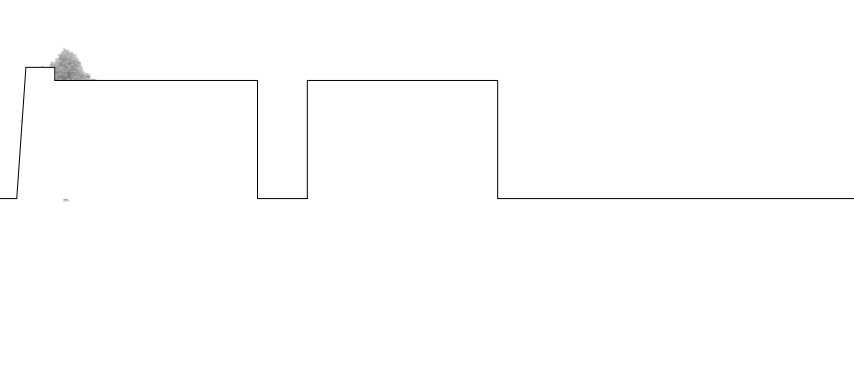
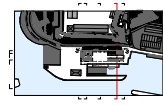
Alçado Este



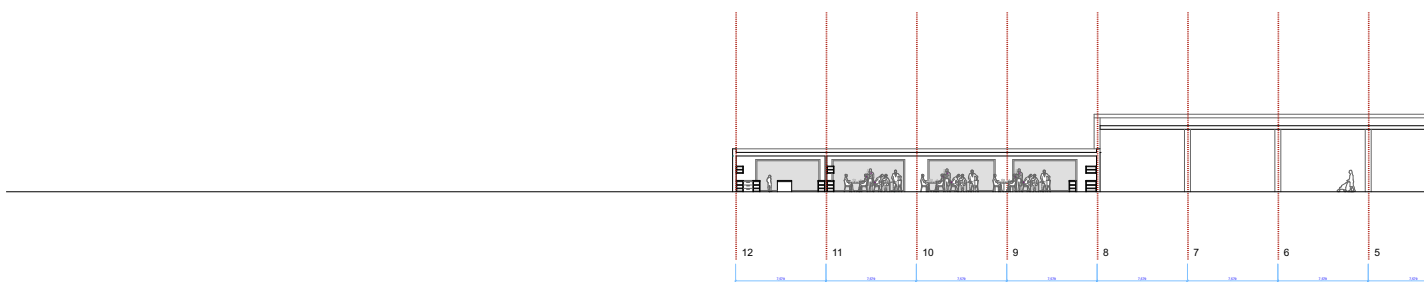
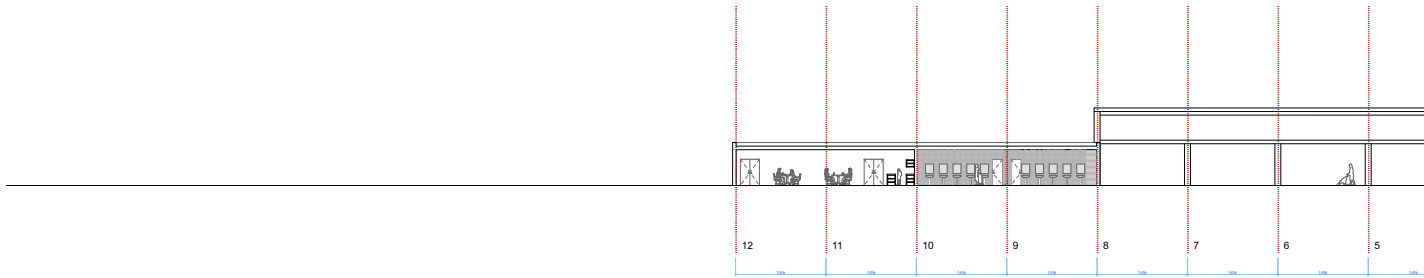
Alçado Oeste

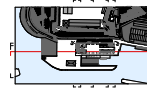
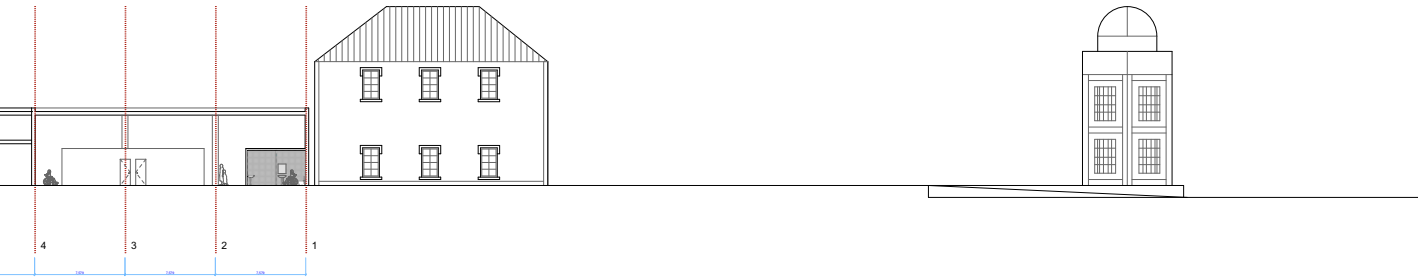
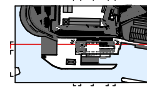




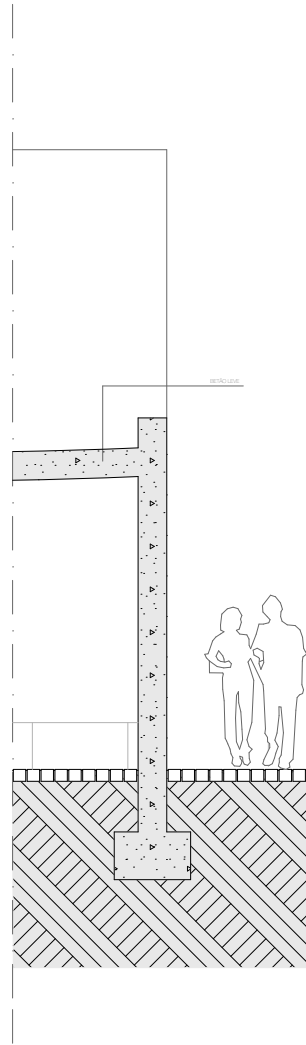
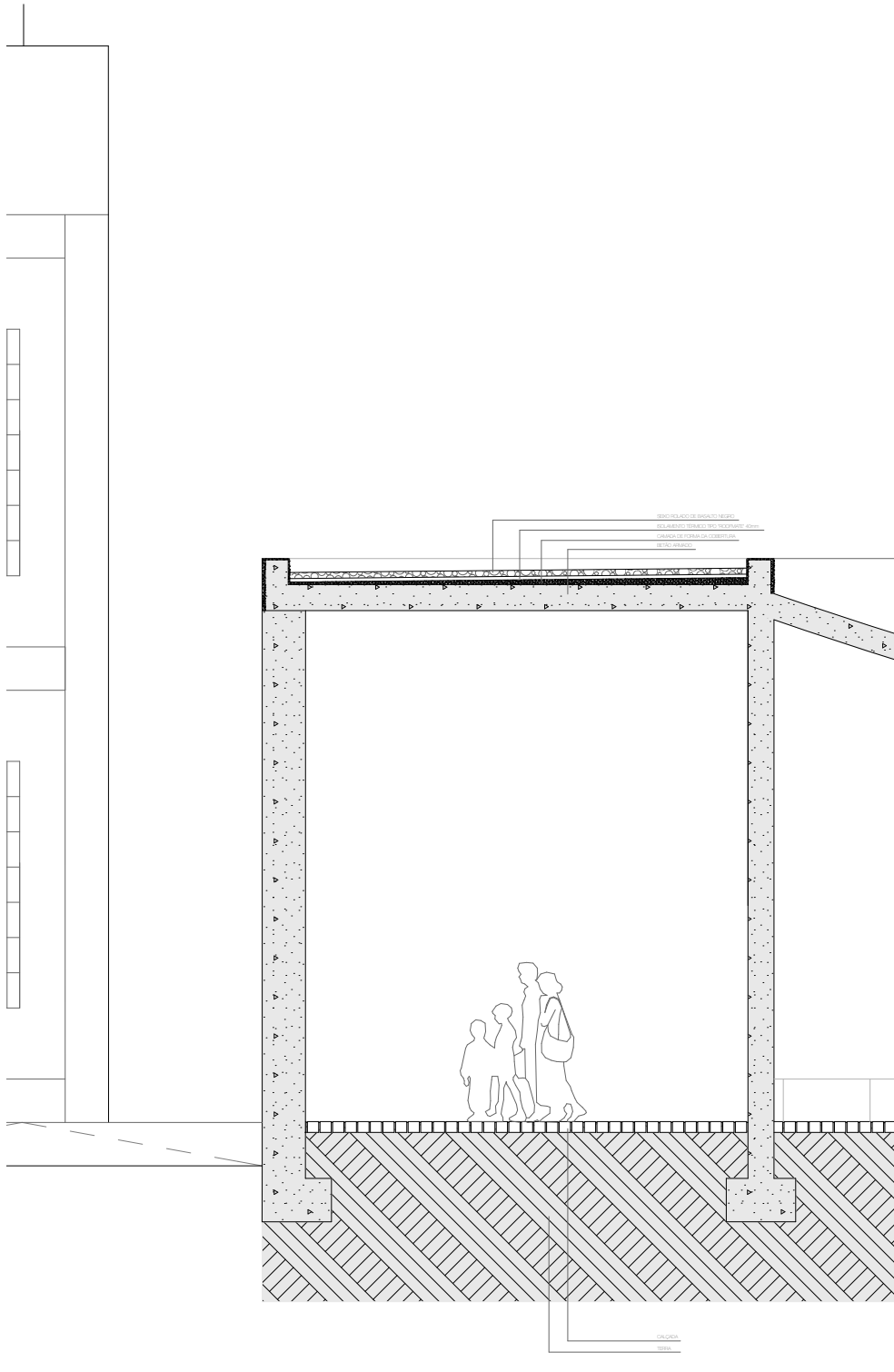


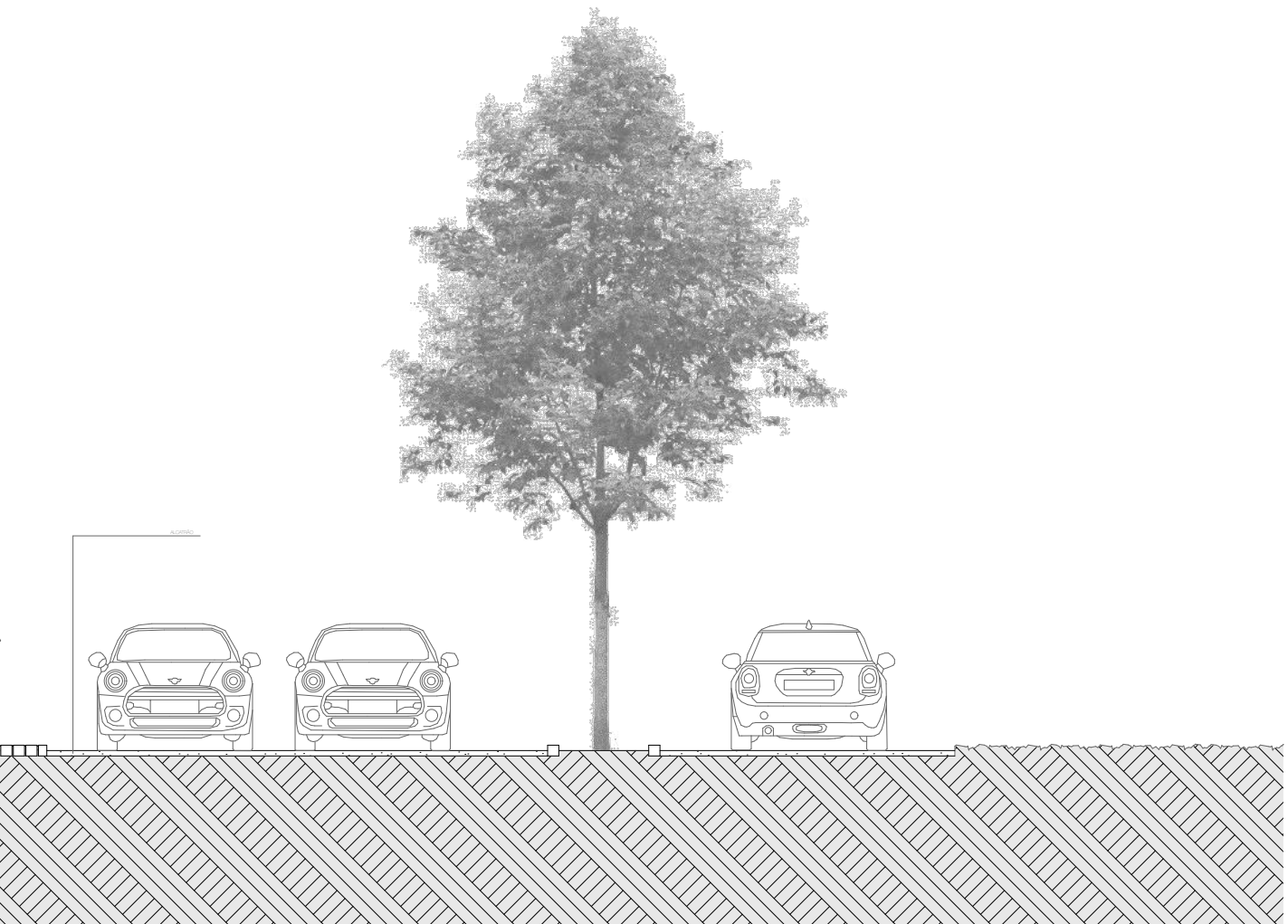
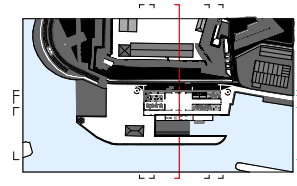
0 20



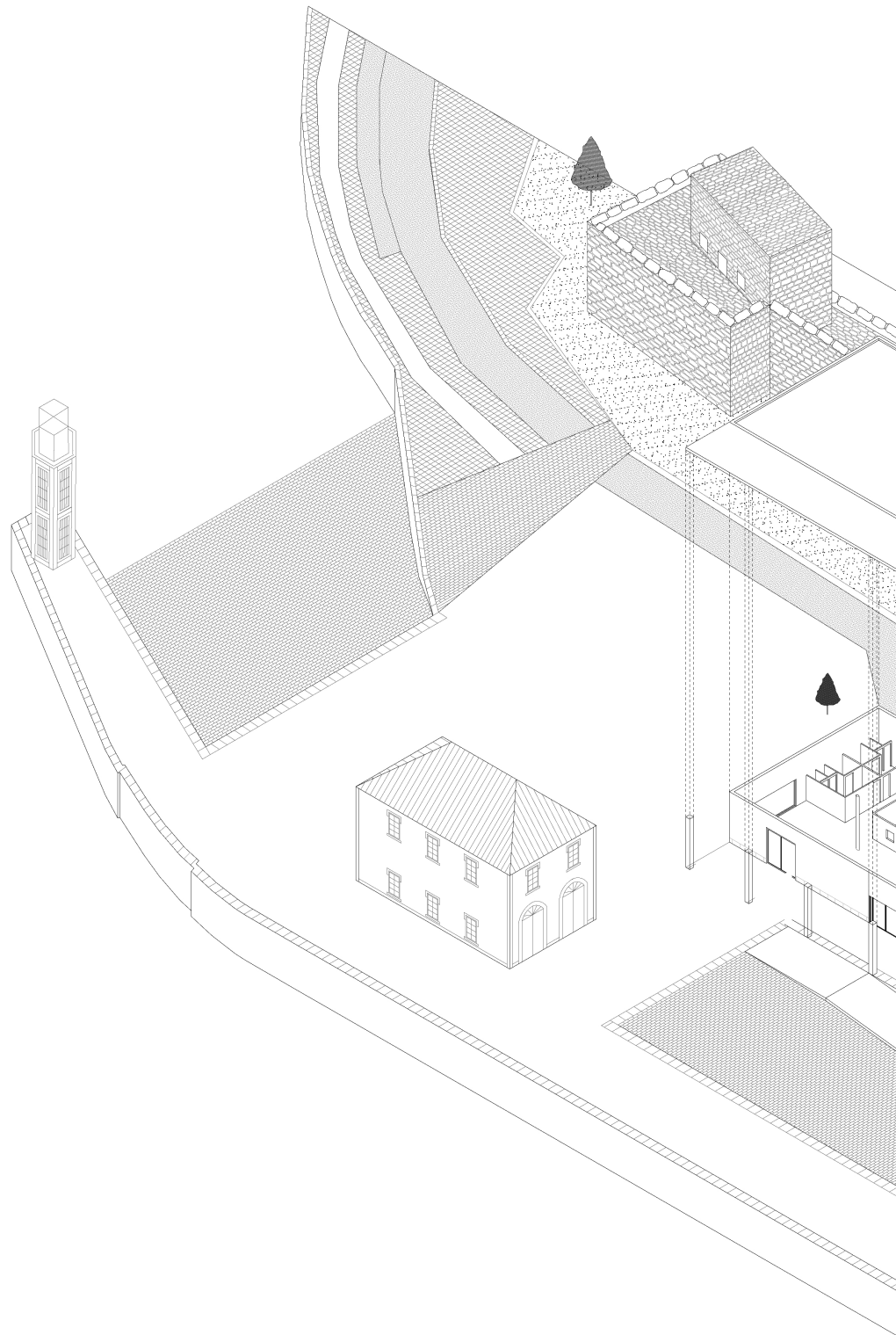


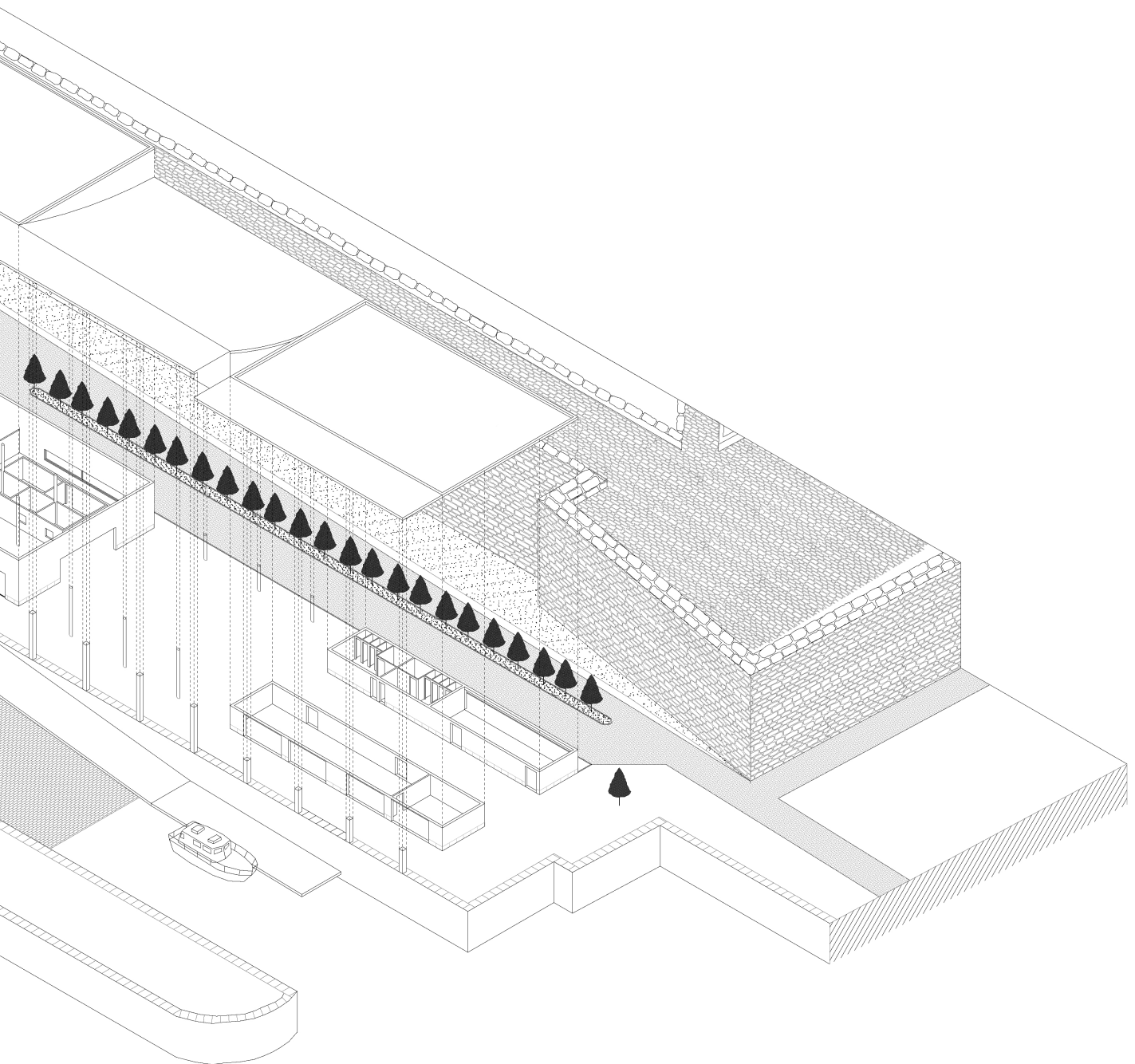
0 20





0 5





4.6 Conclusão

Neste Trabalho de Projeto foi realizado um estudo sobre a cidade de Viana do Castelo e sobre a obra do arquiteto Álvaro Siza Vieira, focando-nos em especial no projeto do pavilhão de Portugal na Expo (1998) e na biblioteca de Viana do Castelo (2008), intervenção importante na frente ribeirinha daquela cidade no âmbito do programa Polis.

O estudo da sua obra permitiu compreender como Siza integra a sua arquitetura no contexto urbano e natural de cada lugar, propondo objetos contemporâneos, simultaneamente integrados e autónomos das circunstâncias envolventes. A arquitetura de Siza transforma em continuidade.

A obra do arquiteto serviu de referência metodológica para a realização do presente Projeto Final de Arquitetura.

Foram realizadas análises morfológicas, sociais e espaciais da cidade ao longo de várias épocas, mostrando como se desenvolveu cronologicamente e a importância de intervenções históricas, como o Forte de Santiago da Barra (c1572), que por questões tipológicas e históricas se relaciona com outras fortificações da costa marítima de Portugal. Muitas das quais da autoria de Filipe Terzio (1520-1597), arquiteto italiano, ativo em Portugal no século XVI.

As pesquisas mostraram que intervenção por realizar para consolidar a zona ribeirinha de aterros em Viana, que não está totalmente requalificada e reintegrada no sistema urbano. O Forte de Santiago da Barra é um importante património histórico da cidade, que alberga atualmente uma escola de hotelaria e alguns serviços, mas que se encontra algo degradado e apartado de uso urbano mais intenso.

O projeto apresentado, a realizar no aterro junto ao Forte, pretende criar uma infraestrutura com serviços de apoio de uso urbano, incluindo terminal para transporte fluvial entre as margens do Lima. A proposta inclui também novos espaços de lazer, melhorando a qualidade urbana e o usufruto do património.

Bibliografia

AFONSO, Paulo – Projeto Urbano em Centros Urbanos Pré-Industriais: Centros Urbanos Pré-Industriais: Coimbra, 2008

ALMEIDA, Miguel Pereira - Viana do Castelo: Reabilitação da Frente Marítima da Praia Norte: ISCTE, Lisboa, 2022

CASTELÕES, João De Freitas - Papel da Estrutura na Metodologia Projetual: Biblioteca de Tama University, Arquiteto Toyo Ito e a Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, Arquiteto Siza Vieira: Porto. FAUP

El Croquis 168/169 - Álvaro Siza 2008-2013

FERREIRA, Paulo Ricardo Ramos – Viana do Castelo e a sua Articulação com a Frente de Água: ISCTE, Lisboa, 2018

KELLY, Ruairi – Monumentality in Architecture, 2014

NASCIMENTO, Edgar Joaquim Pita Do – O Papel das Políticas de Requalificação Urbana e Ambiental: O Caso do Programa POLIS em Bragança, Chaves e Viana do Castelo: FLUL, Lisboa, 2008

RIBEIRO, José António Salazar - Filipe Tércio Ingegnere e Architetto em Portugal 1577 – 1597: Porto, FLUP, 2016

RIBEIRO, Sérgio Silva – Projetar um Limite d'Água: Porto, 2020

TAVARES, Alexandre Rodrigues - Arquitetura Contemporânea em Viana do Castelo, Projetos de Fernando Távora, Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura na frente ribeirinha: Porto, FAUP, 2014

VIDIELLA, Àlex Sánchez – Siza Vieira: 2011

ANEXOS

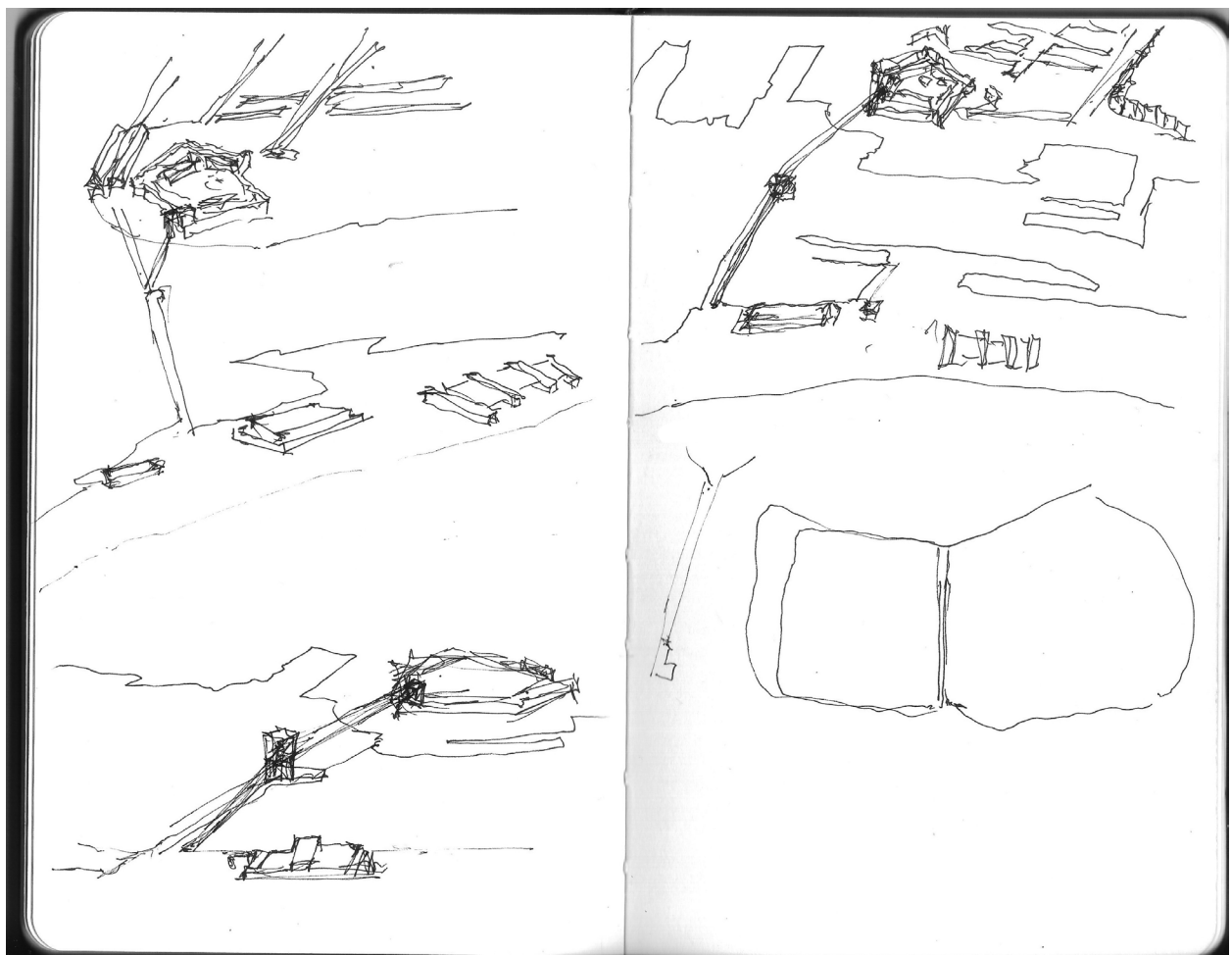


Figura 54 - Esquícios

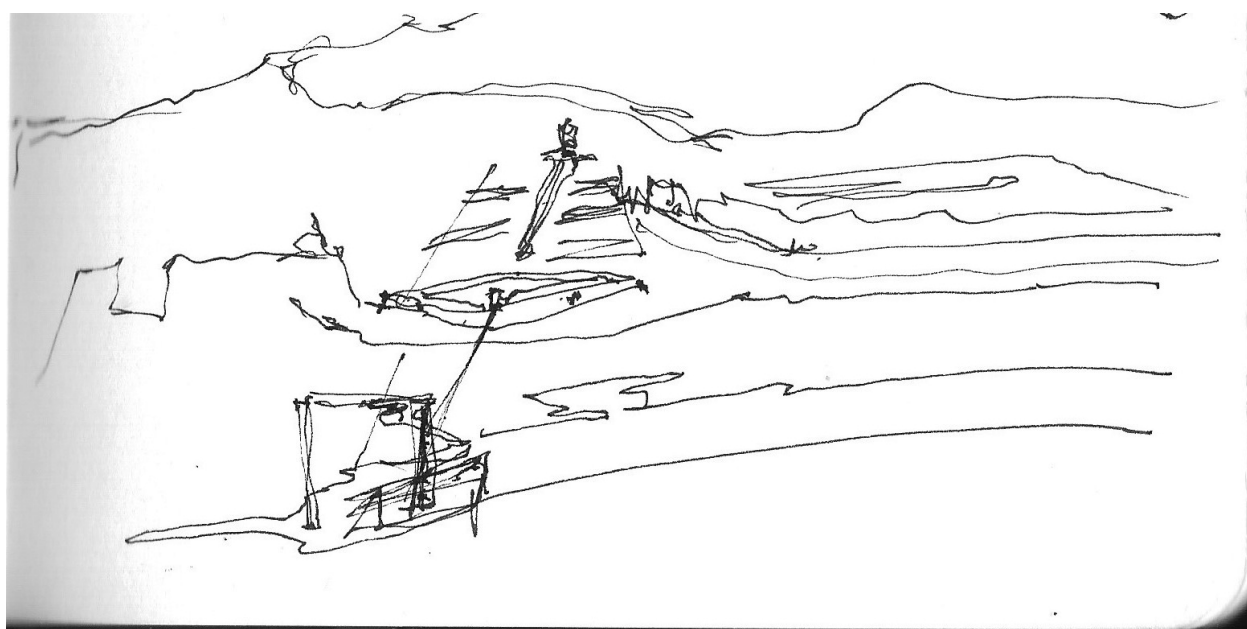


Figura 55 - Esquços

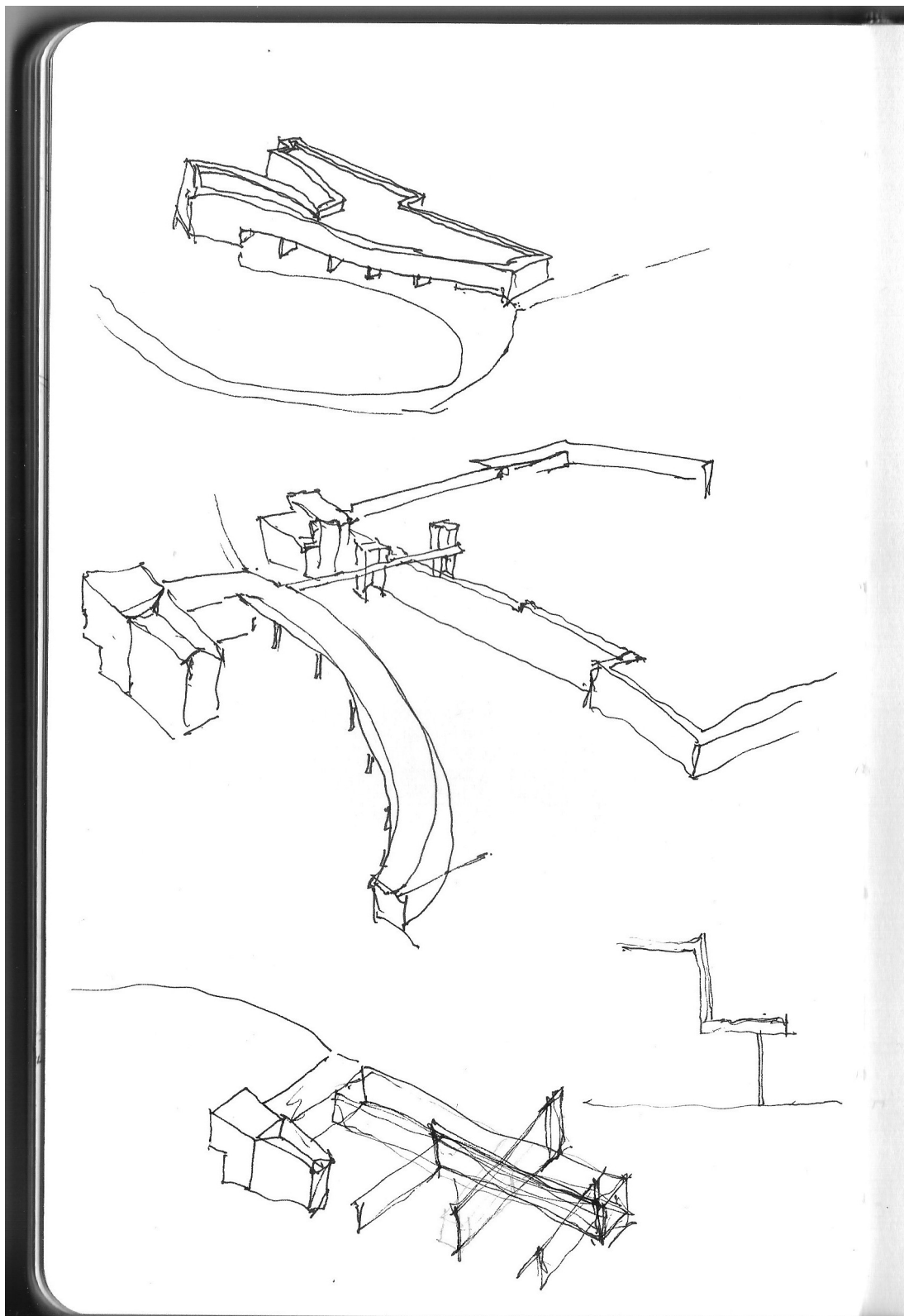


Figura 56 - Esquícios

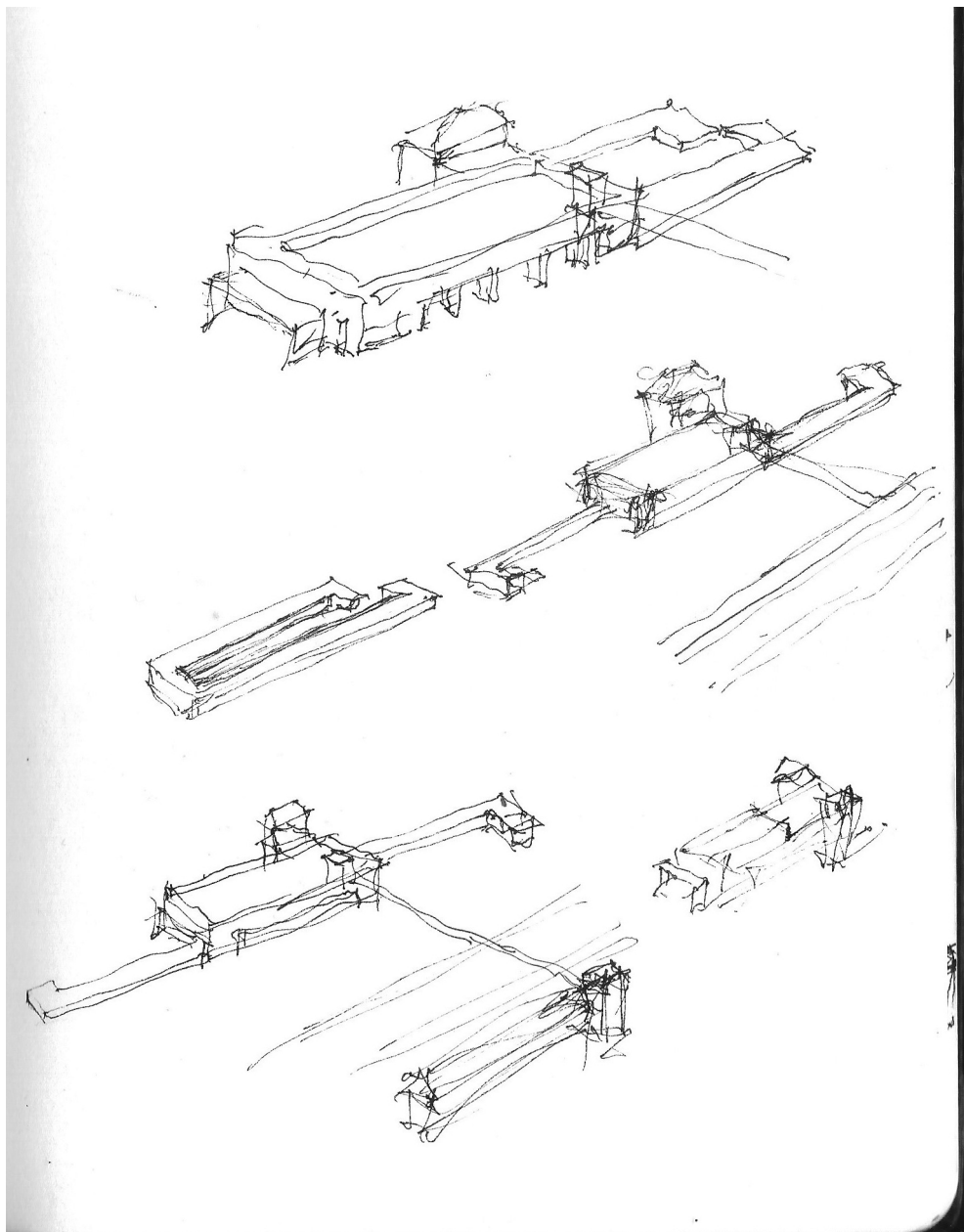


Figura 57 - Esquícios

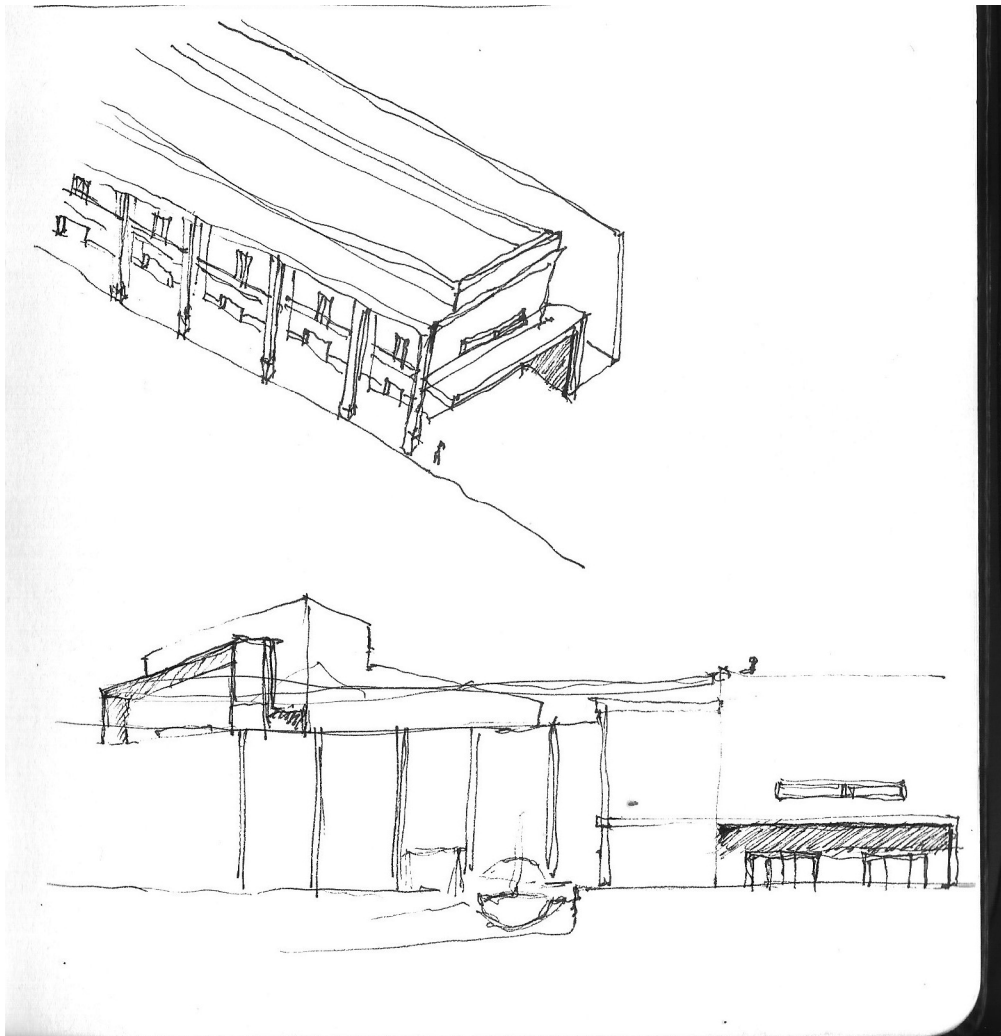


Figura 58 - Esquícios

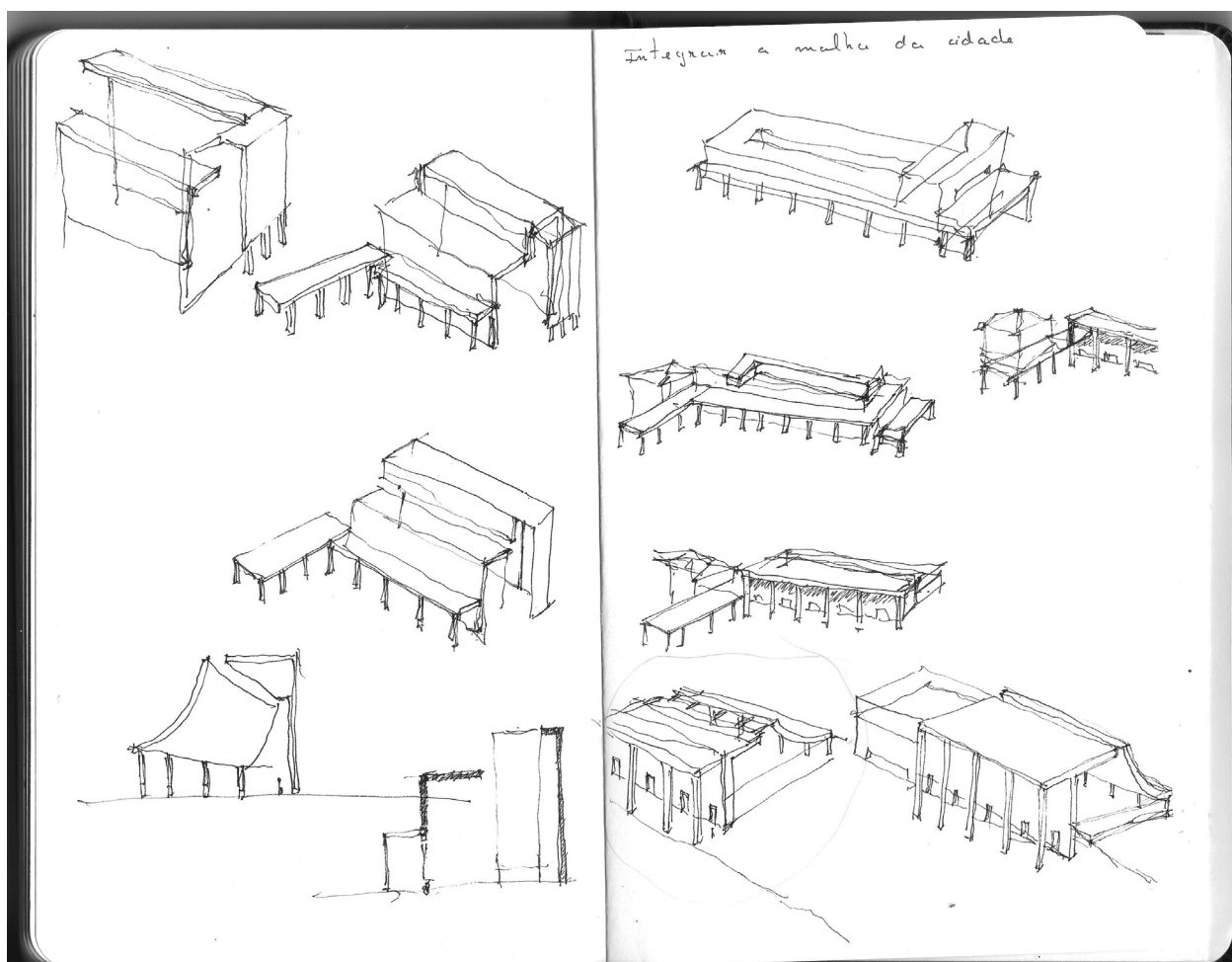


Figura 59 - Esquços

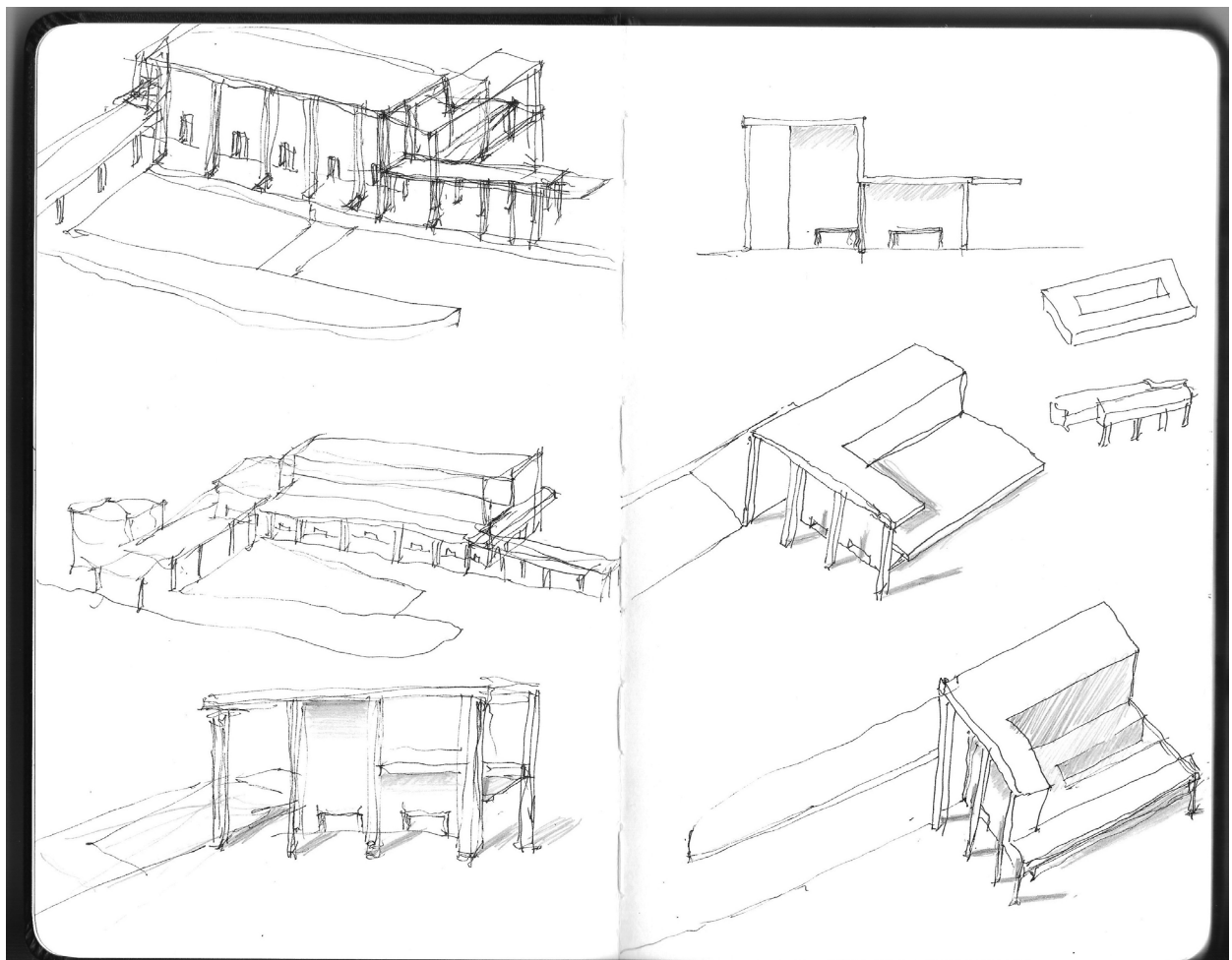


Figura 60 - Esquícios

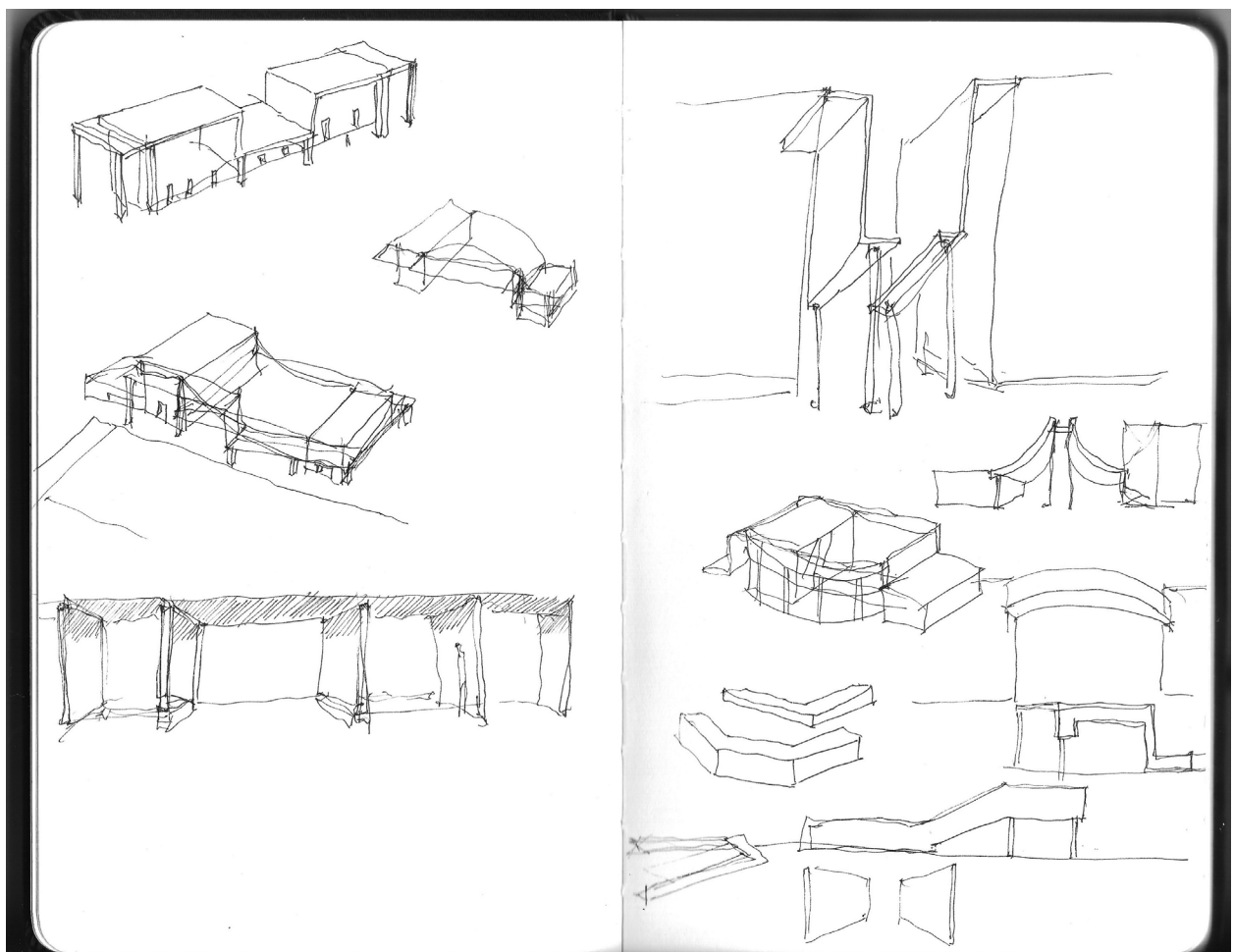


Figura 61 - Esquícios

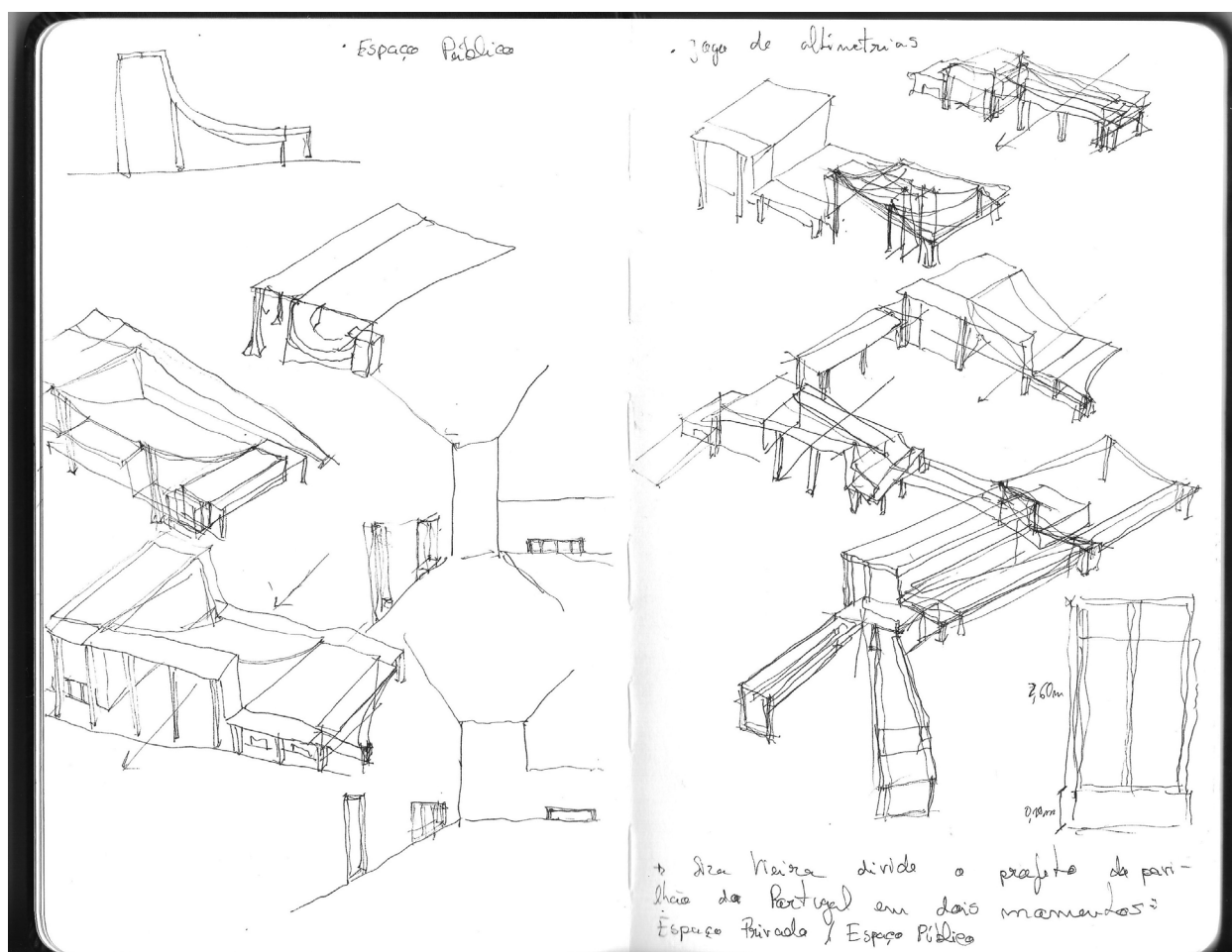


Figura 62 - Esquícios

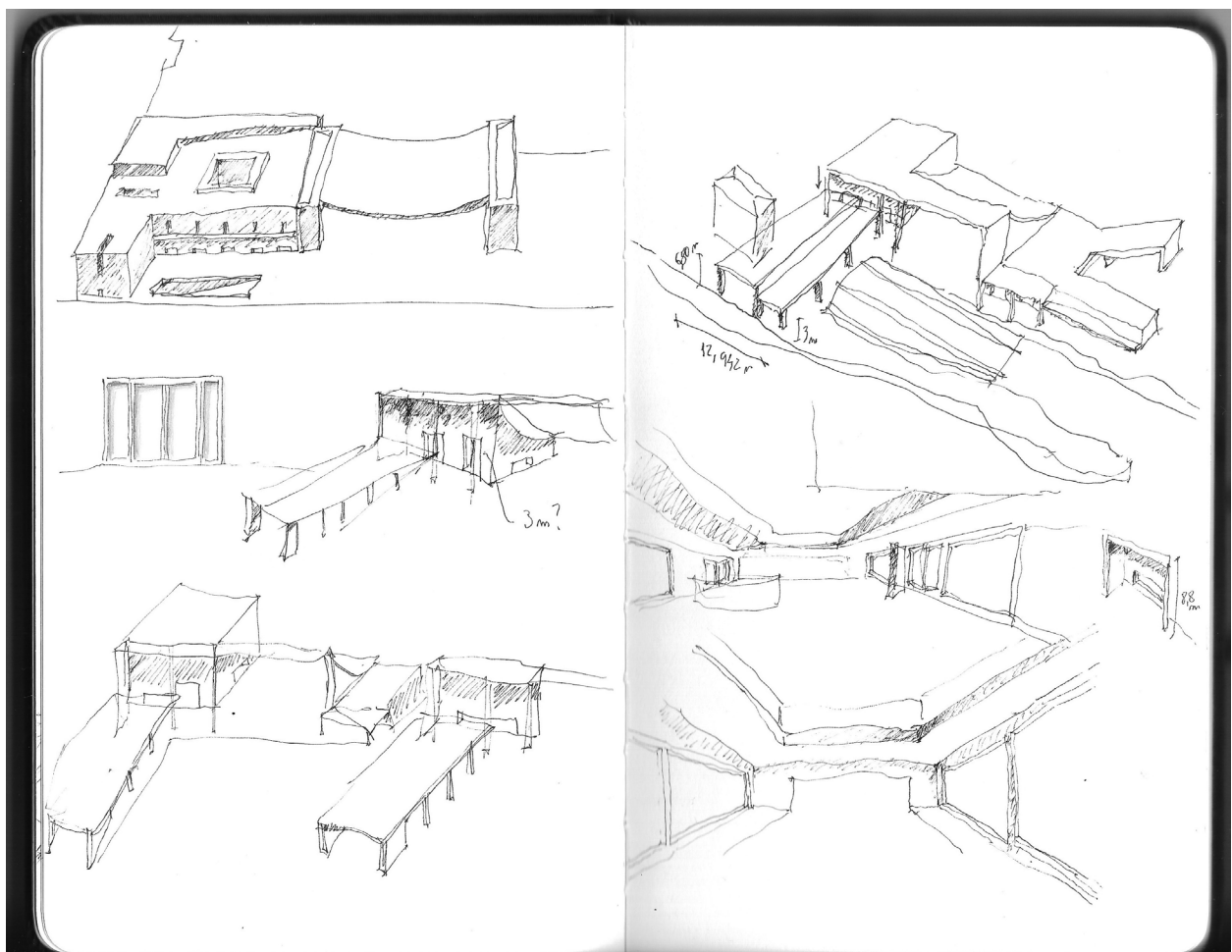


Figura 63 - Esquços

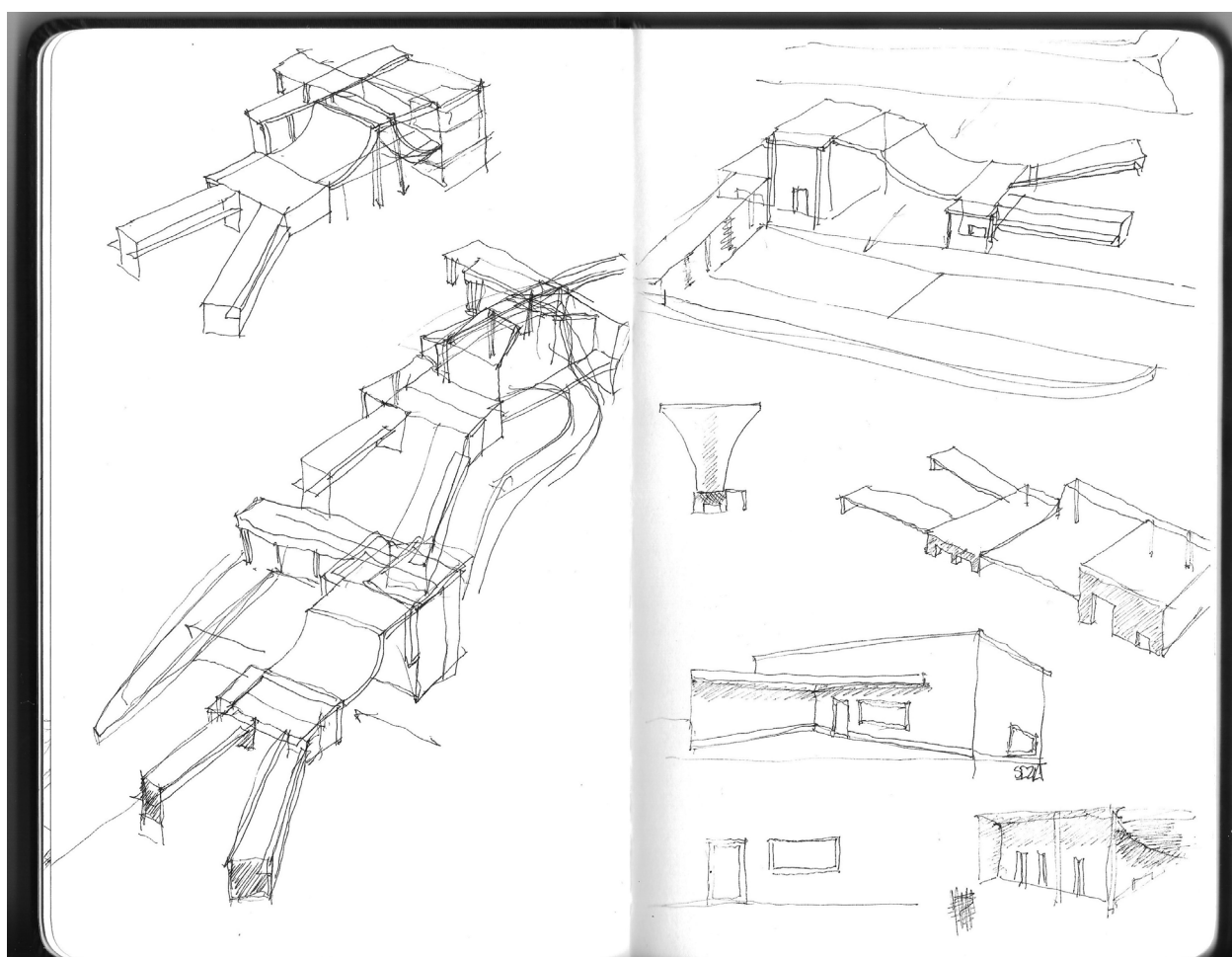


Figura 64 - Esquços

Biografia do Arquiteto Álvaro Siza Vieira

Nasceu em Matosinhos a 26 de junho de 1933, o arquiteto Álvaro Joaquim de Melo Siza Vieira. Álvaro tinha o sonho de ser escultor. Impedido pelo seu pai, por achar que era um curso em que não teria trabalho no futuro, matriculou-se no curso de Arquitetura na Escola Superior de Belas Artes do Porto, com a ideia de mudar de curso já no interior da Escola para escultura. Já matriculado, a frequentar o curso de arquitetura, acabou por gostar de arquitetura e não mudar de curso, para também não contrariar o seu pai (Vidiella, 2011). Álvaro Siza mostrava talento para o desenho desde cedo. Uma pessoa de família reconhecendo esse seu talento, incentivou-o sempre a continuar essa vocação. É através do desenho que Álvaro Siza Vieira pensa, repensa, cada detalhe das suas obras e transmite para o papel todo o seu pensamento. O lugar é sempre o elemento conceptual inicial, a base para todos os seus projetos. Siza procura usufruir do lugar, da sua envolvente, encontrando dualidades para resolução entre projetar e a funcionalidade. Como Álvaro Siza afirma “arquitetura antes de mais é uma função” ainda que para além do lugar ser conceptualmente a base de ponto de partida de projetar. A construção tem elevada importância, mas mesmo assim conseguimos encontrar uma diversidade de pormenores que enriquecem os seus projetos. Álvaro Siza consegue conciliar assim o sistema construtivo com a modelação dos espaços (Vidiella, 2011). Começou a frequentar o curso em 1949 e terminou a 1955. Durante o seu percurso académico desenhou a sua primeira obra composta por quatro casas familiares construídas na terra em que nasceu. Realizou também, enquanto ainda estudante, algumas pequenas intervenções em Matosinhos, o acesso à casa de seu tio em 1952 e a cozinha da sua avó em 1953 (Vidiella, 2011). Após terminar os seus estudos em 1955, começou logo a trabalhar no ateliê de arquitetura do Arquiteto Fernando Távora. Colabora com este arquiteto entre 1955 e 1958, fase em que se cria uma grande amizade entre eles tornando-se Fernando Távora o grande mestre de Álvaro Siza Vieira, e vão trabalhar juntos em diversos projetos futuros (Vidiella, 2011). Mais tarde, o Arquiteto Álvaro Siza Vieira é convidado a dar aulas entre 1966-1969 e depois dessa data, em 1976, foi ainda professor assistente de construção (Vidiella, 2011). A suas obras tiveram destaque para além de Portugal, tendo recebido encomendas de vários Países, como a Alemanha, Bélgica, Brasil, Espanha, França, Holanda e Itália. A Partir dos anos 80 é convidado para conferências em Portugal, e em vários países estrangeiros, principalmente Países Asiáticos. É Doutorado Honoris Causa por vários países (Vidiella, 2011). Foram mais de 300 obras, incluído mobiliário que o levaram a obter vários prémios. É complicado definir um movimento na obra de Siza. Notavelmente podemos verificar que vem do movimento moderno, mas de alguma forma relacionando-se com o movimento pós-moderno (Vidiella, 2011). Através das suas várias obras realizadas verifica-se algumas referências a outras obras de arquitetos como: Alvar Aalto, Frank Lloyd Wright, Fernando Távora, Le Corbusier, Louis Khan e Adolf Loos (Vidiella, 2011).

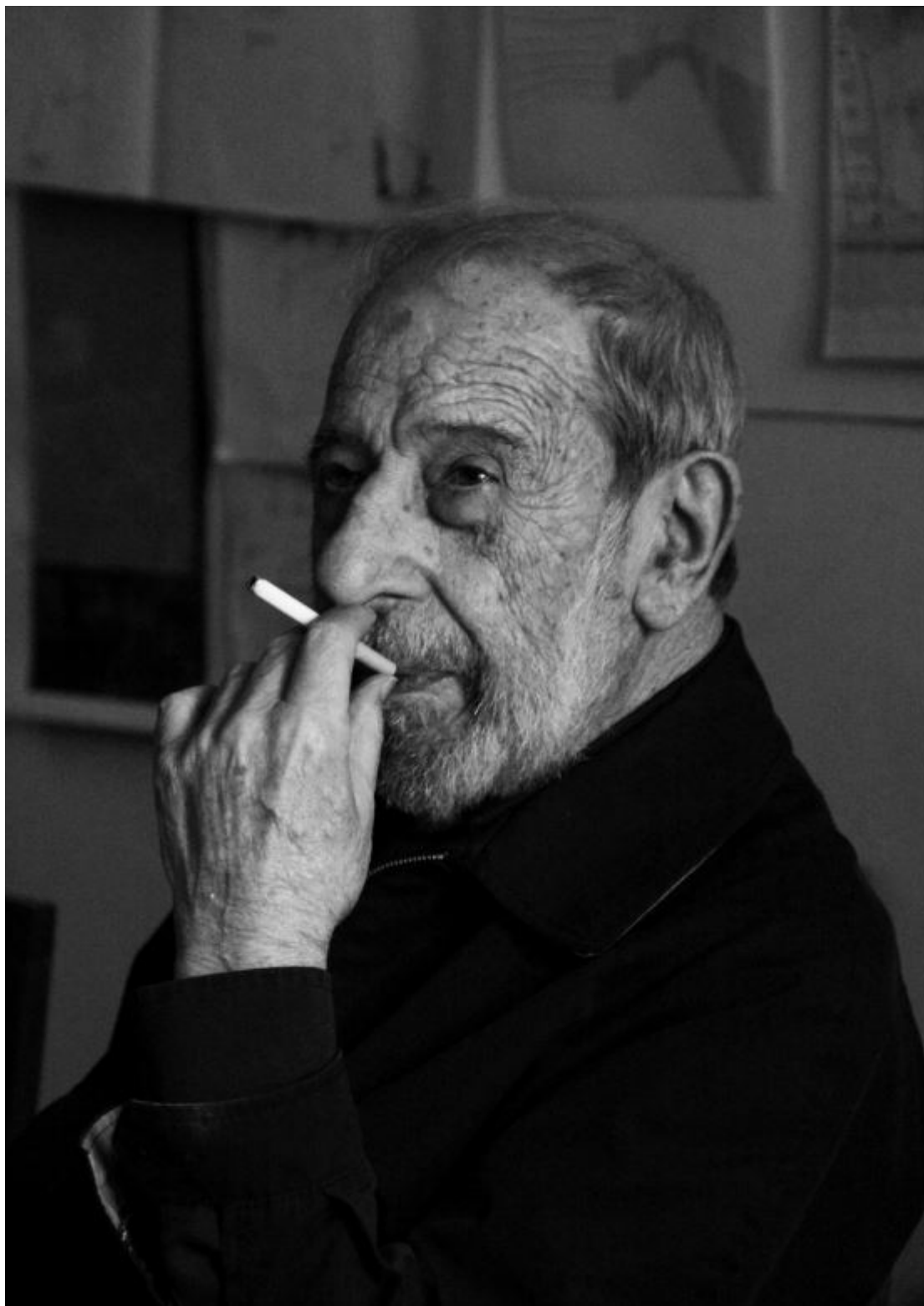


Figura 65 - Arquiteto Álvaro Siza Vieira
Fonte: Afonso Simão, 2021